A 466801

SONETOS E RIMAS

Digitized by Google

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

Digitized by Google

500

Digitized by Google

Digitized by Google

A' sua adoravel amiga, a Ex.ma Sn.ra D. Lice Seruya, offerece este livro, para que, lendo os versos do Pai, se lembre de vez em quando do filho, o seu amigo muito sincero e eternamente grato.

Lz Guimarães Jo

Lisbôa
10-6-98

LYRICA

Sonetos e Rimas

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

LYRICA

Sonetos e Rimas

DE

Luiz Guimarães

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA E AUGMENTADA

Prefacio de Fialho d'Almeida

LISBOA

TAVARES CARDOSO & IRMÃO — EDITORES

5 e 6 — Largo do Camões — 5 e 6

M DCCC LXXXVI

Digitized by Google

869.8
G965ly
1886

LISBOA

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA
50, Praça dos Restauradores, 56

Digitized by Google

695897-176

A memoria

de

CECILIA GUIMARÃES

Digitized by Google

Digitized by Google

LUIZ GUIMARÃES

Os poetas propagandistas, cantando a Justiça, derruindo velhas formulas politicas e religiosas, fazendo a apotheose da officina e da blusa, ou conclamando, em rutilantes alexandrinos, as invenções, descobertas e syntheses da sciencia e da industria, são prosadores castrando em rimas imprevistas ou sonoras, os periodos que vão escrevendo. Como agente de propaganda, a poesia é o mais frouxo dos vehiculos litterarios; e com a sua organisação femenil, os seus delicados moldes, o artificio das rimas e o mosaico das imagens, ella amesquinha a magnitude e o impeto dos altos problemas que tem em mira vulgarisar. Ella vive do meio sonho vago, que deixa o poeta ir idealisando o seu *mundo* em doces e fluctuantes chimeras. Nas manifestações do bello, toma por lei uma relação precisa e justa entre as concepções individuaes e o elemento tradicional. Estabelece as correlações intimas, as mysteriosas affinidades, da religião com o amor, e do amor com a familia e com a patria. Todas as crenças e todas as abnegações que a mocidade

Digitized by Google

irradia sem lhes indagar da logica dirigente, ou querer justificar as explosões cavalheirescas, constituem os seus dilectos subsidios e fontes de inspiração profunda.

Taes aspirações são já uma poesia instinctiva, esparsa por todos os espiritos moços, mas incapaz de cristallisar por si, n'um cantico dotado de formas litterarias. Mas eis que o poeta chega e dá corpo a estes sons errantes, a estes vortilhões da imaginação collectiva, a estas tendencias sonoras da alma, sublimada por aspirações de mais generosa altura; chega e dá cor, accento, ironia e vida, aos trechos anonymamente sentidos e collaborados por uma raça, ou simplesmente por uma geração.

Tal é na poesia romantica o papel de Byron, de Schiller, de Madame de Stael, Thomaz Moore, Chateaubriand e Jean Paul, interpretando a inquietação atormentada, a febre delirante, e o frenetico amor da sociedade do seu tempo. O publico vem então maravilhosamente disposto a comprehender essa poesia que elle propulsionou sem assignar, e que reflecte o seu momento psychologico, ao tempo que lhe está fortalecendo as tendencias, e lisongeando as necessidades e as predilecções. Edade de ouro para os poetas, aquella em que o publico é inteiramente o contemporaneo da poesia vigente, e onde o sentimento individual do artista tem pouco a fazer n'uma obra tão intimamente enraizada no coração da turba (1).

(1) Comme il y a dans la nature humaine une imbrisable unité, il est évident que l'œuvre de littérature ou d'art conçue et produite ainsi par une nécessité profonde doit manifester tout l'homme qui la conçoit et qui la produit, avec son sens particulier du monde et de lui-même, avec sa façon ou tendre ou amère de goûter le réel, avec son être enfin dans ce qu'il a de plus intime et de plus vrai. Mais cet être tient à son milieu par d'invisibles racines, comme une plante au coin de sol dont elle absorbe la sève. Donc, en se transcrivant dans son œuvre, l'artiste se trouve avoir du coup

Digitized by Google

Este estado d'inteira adaptação entre a obra d'um espirito e o espirito d'uma epocha, dá-se quando a humanidade atravessa estados d'incerteza ou d'angustia, ou ás horas de transição em que uma edade está morta, quando ainda outra mal vem alvorecendo. O poeta faz-se então o apostolo da anciedade geral, o propheta da aurora que nem boceja sequer ainda entre os escombros. É Leopardi em Recanati, aos vinte annos, pondo a sua tristeza de rachitico em versos febris e limpidos, e elevando-se por ella á expressão mais pathetica da dôr. É Herculano em Plymouth, chorando as saudades da patria crucificada ao miguelismo, ou inspirando as suas elegias nos conflictos liberaes de 32 e 34. É Byron tentando esculpir, na selvageria das suas figuras, a revolta do genio contra os pequenos moldes da sociedade artificial que lhe reprovava as excentricidades. Walter Scott, o *clarificador da historia*, segundo Hazlitt, renovando o interesse historico na litteratura escoceza por um genio de narrador sem rival. E Baudelaire, Musset, Rollinat e Richepin, exprimindo a saciedade sceptica e a inquietação nevrotica e doentia das nossas civilisações actuaes.

Porem a crise passa, resolveu-se a difficuldade politica, o cadafalso ou o exilio levaram o tyranno que motivara

transcrit quelque chose de ce milieu, une portion de cette grande âme contemporaine dont il est une des pensées, un peu du vaste cœur de sa génération dont les battements retentissent en lui. Il résulte de là que, si la poésie d'un poète se trouvait absolument en dehors de toute date et de toute époque, elle serait une œuvre de mort, simple curiosité d'école, bonne à divertir des scoliastes, mais incapable de servir de pâture vivante à des hommes vivants.

PAUL BOURGET.

Digitized by Google

a revolução. Na sua labutação incansavel de mineiro, a humanidade depara com novos filões vitaes que lhe avigorentam a trama, sacudindo-lhe a tristeza enervante. Uma outra era sorri. Aquelle estado do ser moral collectivo evaporou-se, e foi curado. E eis que a musa desflorada emmurchece da frescura radiosa que primeiro fizera chispar scintillas nos corações oppressos! Por forma que se escreverá d'esta poesia o que Guy Patin já dissera de certos remedios em moda — que era il-os tomando emquanto curavam. De facto, quem comprehende hoje a musa catholica de Chateaubriand? Onde reboa um echo sequer da poesia jacobita de Diana de Vernon? Que heroes de Byron não fariam hoje rir François Coppée e Catulle Mendés? O que ha d'actualidade no amor heroico de *D. Carlos,* e no amor cavalheiresco de *Aben-Hamet?* Como sentir pulsar uma alma, mesmo, na *Edade Media* de Victor Hugo (1)? Esses grandes bocados são vozes sem echo na alma moderna, alguns já tão frios que parecem só feitos d'emphase, tão longe vamos do pensamento que os dictou. Não correram muitos annos desde que Napoleão III desceu á historia, e já declinam os *Châtiments,* como se a mediocridade politica da figura que os inspirou, descórar podesse a poesia demolidora do velho collosso romantico. A humanidade não quer dos pequenos interesses circumscriptos aos pequenos grupos: por isso depressa passa do gosto, essa poesia d'episodios locaes. Entanto ella tem as suas grandes paixões indomaveis, eternamente vivas, sangrentas e fecundas, as suas grandes coleras, as suas soberbas forças heroicas; e a musa que as vibra é a unica que nunca morre, pois ella presta a sua voz á alma mesma da humanidade. Sem arcabouço para suppor[illegible]

(1) A. Pontmartin.

Digitized by Google

vel massa dos assumptos contemporaneos, seccos, positivos, que não deixam margem a vôos d'imaginação, e dos quaes só a monographia, o tractado de sciencia, o pamphleto, o romance d'analyse, etc., podem dar conta e fazer correr mundo; a poesia, como vulgarisadora, carece de folego, e tentada ha pouco ainda, está agonisante, ou morreu á nascença.

Os assumptos praticos de que se convulsiona a moderna vida, esses vastos problemas que fecundam as riquezas e centuplicam as ideias, creando necessidades, gostos, aptidões e pontos de vista, sobre quê logo outras industrias e interesses vão polarisar-se, ankylosar-se, e contundir-se — determinam no mundo uma circulação tão brusca e constante, prendem o homem em tal gargalheira d'actividades, que o seu coração, tornado egoista pela fadiga, perde a impressionabilidade de sentir e traduzir aquellas emoções lyricas e finas, que em outras juvenis edades eram a paixão dos espiritos nobres, e entretinham a vida sobria, tudo explicando pelo sentimento, exprimindo tudo pelo symbolo, e pondo na palestra e na escripta, entre imagens e juizos simples, essa gottejante alegria solar, que nas zonas temperadas faz tão exhuberantes as culturas da terra e as manifestações da intelligencia. Em nossos dias o espirito positivo matou o sentimento poetico, que o exclusivismo individualista está acabando de matar. A analyse encaneceu a juventude do nosso coração, e já não vamos com tunicas de linho branco, coroados de flôres, saudar a primavera entre evohés pagãos, ebrios do amor pantheista que se nos entornava da alma em golphões, como um Chypre raro, das bellas amphoras d'agatha, vermiculadas d'oiro. O amor, quando não seja um calculo, transfaz-se n'uma extravagancia dos sentidos, que falsearam a impressão para que tinham sido creados. Quebrou-se

Digitized by Google

o elo natural entre a turba e o poeta. Cada lyra restringe a sua gloria a pequenos clubs de crentes maniacos, que passam a vida immobilisados no extasi d'aberrações postas em rima, aberrações que pela extranheza, dir-se-hiam pescadas no alcool dos museus de teratologia hospitalar. Desnecessario exemplificar. É lêr a mór parte dos versos celebres dos nossos dias, as *Odes funambulescas* de Bainville, as *Chansons des gueux* e as *Blasphèmes* de Richepin, as *Flôres do mal* de Baudelaire, as *Nevroses* de Rollinat, e todos os volumes que mais ou menos gravitam á volta d'estes. Jámais o metro foi tão rico, a rima tão hilariante, a lingua tão plastica, e tão embellecada a imagem, d'uma cinzelura vaporosa! Mas o talento, rebuscando os effeitos d'arte mais excentricos, e querendo ferir por uma originalidade archi-doida, estrangula a voz dos sentimentos naturaes, turba a grande veia limpida da inspiração, falseia a sinceridade da alma que se queixa ou que exulta, mira effeitos theatraes na emoção que explora, cahindo n'uma sorte de monomania bizarra. Tudo n'este certamen condiz ao fim: a rima procurada entre palavras obsoletas, as imagens colhidas entre os phenomenos mais repellentes, mais estravagantes, mais reconditos, e o thema inicial quasi sempre talhado em podridões, miserias, infamias ou bufonerias. Eu não nego o genio d'estes extraordinarios analystas. Quantas vezes Rollinat me tem dado pesadellos! Mas tantos d'esses pathologicos assumptos, não diriam melhor n'uma monographia scientifica? Cuidam os poetas pagar com as maravilhas da factura, a frialdade ou o artificio do sentimento interior — e assim ficaram as estrofes, enfileiradas, enigmaticas, mortas, como uma avenida d'esfinges que leva á necropole deserta.

Digitized by Google

Resta a poesia puramente lyrica, a poesia que o amor glorifica, nas transfigurações do idyllio e paixão platonica das puras formas: bando de visões tecidas de sonho e nuvem, desejos d'uma serena plenitude que todos os seres compartilhem, desde a alga microscopica até ao homem de genio — poesia perfumada d'essa ternura infinita, castissima, maternal á força d'intima, que vibra no poeta ante os mais leves aspectos sensiveis. Atravez das evoluções do espirito moderno, no vortilhão doentio dos que todos os dias renovam os seus ideaes, ha pequenas synagogas de contempladores e eternos crentes, immutaveis como o dogma, aos quaes as velhas coisas inspiram culto apaixonado, e que se comprazem em cultivar os affectos simples do espirito, ingenuamente expressos, ingenuamente sentidos, e camoneanamente cantados. A poesia que elles fazem, repassada do sentir da multidão anonyma, parece antiga como a estatuaria grega, e como ella eterna pela graça rustica que accentua, e pela limpida e franca linguagem que emprega. N'esta situação, o poeta lyrico é um ser áparte, uma especie de divino somnambulo, cristallisando dôr a dôr, soneto a soneto, na sua alma, como n'uma concha, á força de concentração, contemplação, o grande ideal d'amor absorvente, que se alimenta de purissimas reminiscencias de belleza, e fluctuante nas azas do extasi, tudo vae sagrando por onde quer que passe. É o caso de João de Deus, recolhido nas contemplações da sua mocidade algarvia, rimando singelos amores com raparigas do campo, e dizendo as saudades de *Marina* morta, e a meiguice fragil de *Margarida,* n'aquella forma primitiva do lyrismo portuguez, que no seculo XVI radiava em fragmentos de Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões.

Instinctivamente, indaga-se a quantos seculos de distan-

Digitized by Google

cia está a voz que se escuta rimando essa canção paradisiaca e divina, onde entanto lateja o coração do mundo, e quer-se perscrutar a maneira porque elles teem conservado, na complexa vida d'este seculo, a limpidez d'espirito da antiguidade. Conhecem o *lied?* É um genero de poesia vaporosa e ingenua, que se encontra por toda a Allemanha, incorporado na vida do povo. Atravez da sua forma phantasiada, das suas divagações nebulosas, o *lied* conserva um lado real, que se prende a todos os actos do viver allemão, e vae maravilhosamente a essa lingua de todos os rythmos, habil para todas as versificações, e cujo effeito acustico Philarete Chasles compara a um resoar d'orgão com tubos de cobre, em que as notas solemnes se vão perdendo atravez do espaço. Os velhos *lied* são anonymos. Os modernos, que se inspiram na tradicção, tarde ou cedo, perderão a rubrica, ao entrarem no reportorio da massa. O *lied* foi muito tempo exclusivo do povo, que traduzia por elle as tendencias e emoções da sua alma, o amor, as harmonias da boda, o nascimento do primeiro filho, o enthusiasmo da caça, o poder da superstição, a colera, o ciume, o lucto... Associava no espirito emoções dispersas, insufflando vida nas lembranças arredadas da memoria. É o canto familiar da Allemanha; e trazendo refrigerio ás existencias votadas aos rudes misteres, nenhum outro guarda como elle essa floração exotica de nacionalidade, que isempta por todo o sempre das frias versões estrangeiras. Porque se não trata bem da ballada scandinava, com olhos côr de violeta, alvorecida ao luar, na brancura immaculada dos *fiords;* nem ha n'esta poesia a petulancia da canção berangeriana, ou o sarcasmo do epigramma latino, á André Chenier. É um canto bonacheirão como a fabula, com o scepticismo ligeiro, a graça loira e feminina, a sensibilidade nova e virginal, proce-

Digitized by Google

dendo um pouco á maneira das comedias poeticas de Shakspeare, e deixando dormir no fundo um vago bom humor de burgomestre apaixonado por tulipas, typico no paiz de Henri Heine, como ess'outro humorismo de Yedo e Nagasaki, que até nas insculturas dos templos abre o seu riso, entre infantilmente surpreso e velhaco. Para estas ineffaveis serenadas, os maiores compositores da Allemanha teem feito musica, Dessauer, Schubert, Shuman: e é um prazer ouvil-as já modificadas ao dizer plebeu, nos trabalhos do campo, nas vindimas do Rheno, no interior das cabanas, ao serão, á sahida da escola, e pelas ruas, nos templos e nas *kermesses*. Henri Blaze, pensando n'uma renovação de moldes para a poesia lyrica franceza, recommendava aclimar-se o *lied* para cá do Rheno. Quanto a nós, João de Deus attingiu admiravelmente este genero de composição, nas *Lôas á Virgem* e no *Era já noite cerrada,* genero que Campoamor sabe vestir com uma graciosa simplicidade. Mas como generalisar hoje uma tal poesia, quando o espirito não tem mais o perfume da adolescencia, e a frescura das edades primaveris?

O lyrismo profundo morre pois falto de condições sociaes que o impulsionem e fecundem. Pode guardar-se d'onde aonde, por um prodigio de cultura, no coração d'algum d'estes sublimes eremitas, estacionados á margem do tumulto moderno, assim como, n'um frigido paiz, a planta torrida consegue medrar, por excessivos cuidados, na calafetada estufa que lhe ha de ser carcere por toda a vida. Comprehende-se de feito que um homem passeado pela vida artificial dos caffés, dos theatros, das redacções, do parlamento, das salas e das capitaes, esteja authenticamente incapaz de se transfigurar, por exemplo, na *Adoração* que abre as *Folhas soltas* do nosso adoravel João. Quando muito, terá elle mais lapidada a estrofe, desespe-

Digitized by Google

rando, á força de correcção, os que venham para attingil-o ou imital-o. No fundo porem, o sentimento andará dynamisado ou artificialmente posto em jogo; e em vez do eterno amor dominativo e pantheista, a obra revelar-nos-ha um scepticismo elegante, uma indole romanesca, incapaz de ser dominada pela paixão, um lyrico da decadencia, melhor: um *parnasiano*. Luiz Guimarães é um parnasiano.

Parnasiano, disse eu, como Armand Silvestre e como Theodoro de Bainville, no esforço de renascença poetica do Portugal contemporaneo. Desde que a funcção critica da analyse se tornou inicio e fundamento de toda a educação actual, o nosso tempo desthronou a inspiração pela reflexão, e substituiu os prophetas pelos sabios. Os mesmos poetas começaram d'escrever em prosa os seus poemas, primeiro que os fossem instrumentando nas cadencias musicas do metro; e forraram d'uma utopia ou d'uma idéa philosophica todos os assumptos que se propozeram vestir na purpura dos rythmos poeticos. Ides suppôr que uma arte assim crucificada sobre a reflexão, não tenha podido ser fecunda em creações de grande folego — senão comece d'estiolar-se em bastardias pallidas, de cujas ramificações provenham livros inexpressivos, doentios, impertinentes, hysterisados n'um bysanthinismo de requinte, e de todo o ponto exangues porque lhes falte a paixão. No romance, o *A Rebours* e a *Manette Salomon*. Em poesia, as *Nevroses* e os *Soirs Moroses*. Seja. Entanto, uma tal arte photographa a alma actual. Primeiro, é adoravel como entidade: tem a subtileza hypocrita, a affectação elegante, uma esplendida *toilette:* e mente bem, e é delicioso, hão de confessar, ser-se illudido por uma creaturinha d'aquella provocadora distincção. Depois, tudo n'ella vem pautado e rescendendo a *mise-en-scène,* o menor gesto que ella esboce, a mais li-

Digitized by Google

geira palavra que ella diga, o amor, o odio, a nostalgia, o ciume... Não procurem todavia forçar-lhe o limite de sinceridade para que foi feita. Um passo além, desmanchar-lhe-hia a caracterisação de musa olympica: e veriamos por baixo a *grizette* fazendo *pied-de-nez* á galeria.

Se eu quizesse agora inferir do homem physico uma constituição psychologica que viesse explicar-me a obra do artista, tracejaria de Guimarães a longa biographia de esforços, viagens e emprehendimentos que o trouxeram coroado principe, volvidos annos, ao doce paiz polar da mais aristocratica das artes, a poesia. A lei de Taine, tão nitidamente scientifica, pela qual se estabelece a mutua dependencia entre uma dada litteratura e uma dada sociedade, dissecar-me-hia esta entidade d'escriptor que irrigaram as influencias fataes da *raça,* do *meio* e do *momento.*

É um americano, movel de phisionomia e de caracter, precipitado, pressentido, ardente, e incapaz de concentrar-se n'um assumpto por mais de algumas horas. D'ahi talvez a sua predilecção pelo soneto. A viveza extranha da sua mascara stereotypa e reflecte a impressionativa feminilidade do seu talento. Tem, na belleza physica d'um tribuno, os olhos terriveis d'um domador de feras: e como as vidraças d'uma galeria de palacio, deixando transudar illuminadas, a magnificencia orgiaca das salas, musicas d'orchestra, e centenares de pares remoinhando em *cotillons,* assim dirieis que as pupillas d'elle, scintillando entre as iris de fibrilhas freneticas, nos fazem assistir ao carnaval furioso da sua imaginação de sobrexcitado.

Os adocicados d'origem que na pronuncia tem sabido guardar, este homem, por um orgulho talvez de patriota,

Digitized by Google

e mau grado o affastamento da patria, longos annos, dão-lhe á conversa essa ternura meliflua, e põem no ouvido essa bizarra sensualidade, que fizeram do brazileiro falado um dialecto do portuguez, e contra cuja fixação definitiva na lingua, a litteratura escripta todos os dias protexta, na sua teimosia de ainda insinuar a velha preponderancia portugueza, na constituição da joven nacionalidade (1).

Guimarães sabe a pittoresca impressão que produz falando assim. Aquella *soutache* poetica que a bocca emitte articulando os beiços em buraco de flauta, e nos pluraes sifla os *ss* como uma chuva d'orvalho cahida de nectareas de fuchsias, sobre as divinas mãos d'uma mulher: aquellas construcções grammaticaes, onde o pronome precede o verbo, como em *Me disse, Me adora...* e em que os finaes das palavras se retrahem pela omissão dos sufixos caracteristicos, como em *sinhá, cantá* (cantar)... — alvo da troça, aquella *soutache,* na pronuncia d'um grosseiro colono repatriado — na lingua d'um fino artista e na palestra d'uma rapariga de salão, ella quer dizer uma condensação da graça phonetica — introduz modulações, velludosidades, caricias, que exornam d'um requinte novo, d'uma incrustação, d'uma *rocaille,* a nossa velha lingua mãe, e por muito tempo deixam na orelha a diffusão da mais voluptuosa symphonia.

Uma tal linguagem parece feita para ser falada em côrtes d'amor: ha n'ella preguiças, começos d'ais, *frou-frous* de roupas, titilações... Cada mestiçagem lhe insinua uma subtil volupia, uma angustia nova e divina: e sentem-se balbuciar na sua trama as virgindades d'uma raça que desperta ainda, sem passado, como as crianças, monossyllabando reminiscencias de sonhos heroicos e trans-

(1) Th. Braga — *Parnaso portuguez moderno.*

Digitized by Google

lucidos. Agora junte-se a esta feição da lingua, a excelsa gloria da paysagem, que a luz alaga, e a caprichosa natureza sabe vestir em formas fantasiosas, arvores, montes, bahias, catadupas... Lá, onde a calma aperta, e cantam as aves mais extraordinarias da terra, e se ouvem as nupcias da seiva, caule a caule, na mysteriosa alcova das florestas, o espirito, naturalmente exaltado á contemplação, deriva por seu turno na cheia sensual d'esses titanicos e cosmicos amores. Filho de colono, o brazileiro guarda na alma a indefinida nostalgia que vira bruxulear nos olhos dos paes. A mesma creação opulenta que o cerca, o humilha e acabrunha: entanto, as paixões d'ella propagam-se-lhe ao sangue em effervescencias insofridas, e um *gulf-stream* de magneticos amplexos o arrasta no vortilhão das monstruosas e sagradas gestações da natureza. Assim, o poeta é lá um producto do clima e do solo, como os fructos, como as flôres. Nem quasi cultival-o é necessario.

Em Luiz Guimarães, está de vêr, todas estas determinantes convergiam a impulsionar-lhe o talento. Em 1869, ao formar-se em direito, na escola de Pernambuco, contava já na bagagem litteraria, dois volumes de versos: *Corymbos*, composições soltas, e o poemeto *Mont'Alverne*. Estou a pensar que *Mont'Alverne* não arrojará o poeta para excessivas culminancias artisticas. Entanto os *Corymbos* illucidam-nos á farta sobre as nativas qualidades da sua inspiração.

Alli pululam blandicias e ardores d'uma natureza essencialmente amorosa, a que a melancolia presta o seu colorido romantico. Alli bate pulso uma insofrida febre d'ideaes, e ancias de paixão d'onde se vê golfando uma seiva inexgotavel. N'este livro de lyrico, em cujos dictyrambos rebrilham, n'uma especie de petulancia, as indecisas graças da mocidade, edita-se a alma virgem de con-

Digitized by Google

tactos, d'uma selvageria sincera e d'uma insaciavel virulencia amantetica — alma sonora d'americano, cheia de impetos, onde ao mesmo tempo tivessem deixado resonancia o gemer da aroponga e o rugir do leão, o cantico e o grito: e entre ambos, toda a vastissima gamma das emoções intercalares.

Vejamos agora os seus livros de prosa, d'essa epocha (1). Elles confirmam as caracteristicas que nos *Corymbos* apontei. De quasi todos eu conheço paginas. A forma é fluida, abundante, irisada d'ornatos, pouco reflectida, evocativa porem, e fazendo lembrar pela contextura facil, Julio Machado e Manoel Roussado, seus contemporaneos e amigos. As suas chronicas e phantasias litterarias afiguram-se-me pequeninas obras d'acaso, feitas n'uma aberta de mais serios trabalhos, e brilhando apenas pela ironia benigna, e saltitante esmalte da adjectivação. Nos contos, a intriga decorre para assim dizer do humor occasional do contista, no momento da concepção; typos simples, situações de pura idealidade poetica, dialogos onde o recorte litterario predomina: e toda a paysagem de roda, não conseguindo fazer athmosphera intellectual á tensão dramatica do assumpto, que não existe, fica para assim dizer um *motivo* repetido em

(1) Em 72, com vinte e sete annos apenas, Guimarães começou a sua peregrinagem diplomatica como addido á embaixada brazileira no Chile, após uma curta vida jornalistica no Rio, durante a qual deu á estampa os seguintes volumes em prosa:

Historias para gente alegre, 2 vol. — *Filigranas*, 1 vol. — *Contos sem pretenção*, 1 vol. — *Nocturnos*, 1 vol. — *Curvas e zig-zagues*, 1 vol. — *Biographia do pintor brazileiro Pedro Americo*, 1 vol. — *Biographia do maestro brazileiro Carlos Gomes*, 1 vol.

Em via de publiçação, tem o poeta: *Lyra Final*, 1 vol. de versos — *André Vidal*, drama historico brazileiro, em verso. *A Patria do Ideal*, impressões de Roma; 1 vol.

Digitized by Google

surdina, na orchestra do descriptivo, e avulta no quadro como um pormenor decorativo simplesmente, poetisado, alindado, lembrando os tons lilazes d'um sanguineo visto por traz d'umas lunetas côr d'azul. Entanto a nota amorosa, dominadora do caracter do artista, attinge aqui por vezes o arroubamento lyrico, emprestando então á narrativa um tom de sinceridade que provoca o interesse. A minha conclusão é pois esta:

O isolamento na patria, entre as uberrimas maravilhas do solo e as visões interiores do seu espirito, tão finamente idealista, cedo ou tarde teriam arvorado Luiz Guimarães n'um dos mais profundos poetas lyricos do nosso tempo. Tudo leva a profetisar que assim fosse — aquella sua compleição idyllica, o seu poder d'evocação a distancia, uma sensibilidade dolorosa e femenil, e a phantasia calida extravasando d'invenções. O homem do mundo veio attenuar porem estas primitivas tendencias do doce arrulhador de doloras maviosas. Fluctuações de viagens despolarisaram-lhe o espirito da singeleza nativa: convivios de côrtes e museus, mil acasos emfim do dandysmo diplomatico lhe foram desviando a sinceridade para uma especie de risonho scepticismo.

Em 1880 vamos encontrar Luiz Guimarães na embaixada de Roma. Roma era a ultima estação d'uma serie de residencias que o poeta realizára, junto de todos os centros de intelligencia europea, atravez de cujas maravilhas, podera exercitar as suas faculdades d'artista vibrante e progressivo.

Entre os *Corymbos* e os *Sonetos e Rimas,* de que a primeira edição viu luz em Roma (1880), aquellas via-

*

Digitized by Google

jens põem um interegno no furor de publicidade de que Luiz Guimarães parecia accommettido. Mas ao fim d'ellas o americano está transfigurado n'um prodigioso cinzelador de melodias, destro, flexuoso, elegantissimo; sabendo casar as mais raras graças nas mais fidalgas phantasias, e graduando a impressão com um tacto d'actor e gentilhomem a quem não convem desmanchar a linha inpeccavel d'artista. Especialmente Roma, com a sua grande area de monumentos, onde cahem no chão, truncadas sob uma luz d'*atelier,* as memorias de muitas civilisações triumphadoras: Roma antolhar-se-hia ao poeta como a ultima e recapituladora lição d'uma serie de prelecções sobre o bello ideal nas suas profusas revelações atravez da arte. Ella lhe deu ao verso, talvez, uma academia de melhor gosto, nada rigida, nada commum, e salvando-se pela nobreza d'esse *chic* d'occasião que, passado de moda, invalida e torna ephemeraa obra d'um grande numero d'escriptores.

Venus sem braços! Divinal grandeza!
Abençoada seja a mão callosa,
Que te arrancou á entranha criminosa
Da terra...

Ou como na *Borralheira:*

Meigos pés pequeninos, delicados
Como um duplo lilaz, — se os beija-flores
Vos descobrissem entre as outras flores,
Que seria de vós, pés adorados!

Luiz Guimarães ficará pois na poesia portugueza como o Massenet do soneto, exasperado de perfeição plastica, e accusando no mordido da forma a paciencia d'um buril seguro do que pretende. O mysterio de seducção da sua

Digitized by Google

poesia está antes de tudo no modernismo que d'ella ressumbra, e na sua actualidade perante o publico que a compulsa e lhe dá voga: publico sceptico e *blasé,* que tendo visto baquear todas as sortes de cultos e ideaes, lentamente foi perdendo a aptidão d'isolar-se em transcendencias de sentimento. Nem sempre, nos versos d'elle, a emoção resultará do sentimento affectivo acordado na alma pela idéa dramatica do assumpto, senão por uma convergencia de melodias exoticas que a linguagem lhe empresta, já pela rima, já pela imagem, já pela estridorosa eufonia do adjectivo e do metro. É uma emoção que vae ao cerebro antes pelo ouvido do que pelo coração, e que eu de melhor grado agradeceria á musica do que á litteratura. Poucos livros deixam, como os *Sonetos e Rimas,* recompôr com mais escrupulosa fidelidade a physiologia artistica do escriptor, estudar sob que aspectos as coisas o ferem, e depois vêr como elle faceta e lapida a mais leve das suas impressões d'aguarellista — aguia ou albatroz por cima da vaga ullulante, um fim de walsa fugindo pela janella entreaberta, *silhouettes* de cupulas, escorços de paysagens, perfis de mulher, qualquer effeito ou qualquer tom — para as cristallisar depois no engaste d'um soneto ou de meia duzia d'estrofes. Deliciosa maneira artistica, onde eu descubro o que de mais puro tem a lingua e a poesia de mais plastico; e onde, como n'um cyclorama vertiginoso, scintillam transparencias d'agua entre macissos de folhagem, rumores de abelhas e trilos d'aves, zigue-zagues de caprichos, acharoados de occaso, nudezes eburneas estatuas... todas as musicas emfim do universo que respira e canta, na plenitude do seu disforme ser. A perfeição calma do verso trahe o homem que percorreu os receptaculos da grande arte mãe, beijou os nus sublimes de Sanzio e Vinci, e conhece de perto o dilettantismo canalha

Digitized by Google

das modernas capitaes. E o verso, assimilando inconscientemente as pomas das deuzas, as musculaturas dos ephebos e dos heroes, transparencias de marinhas cortadas de *steamers,* sorrisos de mulheres e reminiscencias d'ephemeros amores; o verso sae-lhe n'uma correcção esvasada, n'uma largueza d'estylo, lavrando em cada uma d'essas pequeninas obras primas um baixo relevo d'Acropole, fulgurante e divino. Na esculptura de muitos dos sonetos do livro tambem sentirá o leitor a cada instante, inquieta, proeminente, a influencia do *bibelot* na arte d'escrever, que já surprehendera Paris nos primeiros romances dos Goucourts.

Depuradora do gosto, e dando ao espirito uma percepção mais luminosa, mais dolorosamente incisiva, da vida das coisas, aquella frequentação pelo *bric-à-brac,* das formas d'arte, rebuscadas ou exoticas, desperta alfim na personalidade do escriptor uma rara elegancia suggestiva, e uma singular finura de concordancia esthetica. Estas qualidades são inimigas da violencia, e prohibem no poeta a explosão dos sentimentos extremos : — aquellas grandes coleras dramaticas de que o romantismo tirava effeitos para escravisar as platéas avidas de calafrio. Mesmo, uma preoccupação de serenidade aristocratica transluz em todos os promenores da *Lyrica* de Luiz Guimarães. Na sua ironia, por exemplo, que elle attenuou até uma especie de humor benevolo, serpenteando d'uma existencia sem contratempos nem torturas. Na sua voluptuosidade, que é uma especie d'arrulho amoroso, mesmo apesar do seu temperamento escandecido. E aqui e alem, notas criticas, intenções de malicia casta, finuras de desenho encantadoras — como nas *manchas* das procelanas japonezas, familia *roze* ou *vert-celadon,* que sem nervuras salientes, abstrahindo a linha quasi, dão a idéa por massas, n'um

Digitized by Google

effeito subtil d'abstracção accessivel sómente ás retinas educadas. Este lyrico, gasto pela poesia do coração, educou os olhos para a compensação de descrever, no dia em que já não podesse amar. E n'este ponto o parnasiano fica, com extraordinarias qualidades de paleta e cinzel — um refinado. Que talvez podesse dizer, como o *Charles Demailly* dos Goncourt — *je suis un homme pour qui le monde visible existe.*

FIALHO D'ALMEIDA.

Digitized by Google

Digitized by Google

MYSTICISMO

Digitized by Google

Digitized by Google

MYSTICISMO

Á *luz do teu sorriso*
Meigo como o luar,
Sinto minha alma entrar
No azul do Paraiso;

E junto a Deus diviso
Bella a me contemplar,
Quem ha de me amparar
No dia do Juizo:

Digitized by Google

Oh doce Formosura,
Pura! mil vezes pura!
Emquanto me sorris,

Minha alma delirante
Pensa na dôr do Dante
E pensa em Beatriz.

Digitized by Google

PRIMEIRA PARTE

Digitized by Google

Nel mezzo del mio cor Madonna siede,
E qual è la mia vita ella sel vede.

PETRARCA.

Quod spiro et placeo, si placeo, tuum est.

HORACIO — *Ode IV*, III, 24.

Digitized by Google

O coração que bate neste peito
E que bate por ti unicamente,
O coração, outr'ora independente,
Hoje humilde, captivo e satisfeito;

Quando eu cahir, emfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lugubremente
Do repouso final, — tranquillo e crente
Irá sonhar no derradeiro leito.

Digitized by Google

E quando um dia fôres commovida
— Branca visão que entre os sepulchros erra, —
Visitar minha funebre guarida,

O coração, que toda em si te encerra,
Sentindo-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da terra.

Digitized by Google

O ESQUIFE

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella
GARRETT.

Como é ligeiro o esquife perfumado
Que conduz o teu corpo, oh flôr mimosa!
Mal pousaste entre nós, alma saudosa,
Pouco adejaste, oh cherubim nevado!

E vás descendo ao tumulo sagrado,
Igual á incauta e leve mariposa
Que sem sentir queimou a aza anciosa
Do mundo vil no fogo profanado.

Mas eu que acabo de te ver perdida
Nos abysmos sem fim da Natureza,
Oh minha filha! oh terna flôr cahida!

Eu que perdi comtigo a fortaleza,
As illusões, o goso, a crença e a vida,
Ah! eu bem sei quanto esse esquife pesa!

Londres.

Digitized by Google

O SOMNO DE UM ANJO

QUANDO ella dorme como dorme a estrella
Nos vapores da timida alvorada,
E a sua doce fronte extasiada
Mais perfeita que um lyrio, e tão singella,

Tão serena, tão lucida, tão bella
Como dos anjos a cabeça amada,
Repousa na cambraia perfumada,
Eu vélo absorto o casto somno d'ella.

E rogo a Deus, emquanto a estrella brilha,
Deus que protege a planta e a flôr obscura
E nos indica do futuro a trilha,

Deus, por quem toda a Creação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flôr — que é minha filha.

Florença.

Digitized by Google

FÓRA DA BARRA

Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida
Vejo-te apenas, Guanabara altiva...

VARELLA — *Ao Rio de Janeiro.*

JÁ vamos longe... Os morros bemfasejos
Mettem na bruma os cimos alterosos...
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,
Vós sois da Patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos,
Ficam além, além! Adeus, gostosos
Tormentos do passado! Adeus, oh gosos!
Adeus, oh velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol cadente
Vai-se apagando — ao longe — tristemente
Do Corcovado a magestosa serra:

O mar parece todo um só gemido...
E eu mal sustenho o coração partido,
Oh terra de meus pais! Oh minha terra!

1873.

Digitized by Google

O CRUZEIRO DO SUL

Não vimos mais emfim que mar, e céc.
Os Luziadas.

Tudo sumiu-se na distancia... Agora
Que o tombadilho escuro e socegado,
Convida o amargo espirito exilado
A relembrar a vida, hora por hora:

Minha alma como a sombra gemedora
Das velhas lendas, corre o illuminado
E vasto espaço, apenas animado
Pela vaga do mar alta e sonora;

Do firmamento esplendido e imponente
Alguem me diz: «Tu voltarás um dia,
Oh coração! á tua patria ausente!»

E elevo a fronte á abobada sombria:
Era Deus, cujas vozes simplesmente
O Cruzeiro do Sul me repetia.

Digitized by Google

VISITA Á CASA PATERNA

A MINHA IRMÃ ISABEL

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo:

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
O fantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos,— olhou-me, grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que da luz nocturna á claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

Rio — 1876.

Digitized by Google

A ESMOLA

Vás para o baile, é hora: as fluctuantes
Gazes te envolvem como as nevoas puras
Que os astros vestem nas azues alturas...
Vás coberta de gaze e de brilhantes;

E emquanto espalhas graças deslumbrantes,
Repleta de opulencia e de venturas,
Ha um milhar de pobres creaturas,
Que se estorcem — na noite — agonisantes:

Moças sem pão, creanças magras, nuas,
Cujo supplicio fôra alliviado,
Se quizesses das pallidas mãos tuas,

Num santo gesto, rapido e ignorado,
Deixar cahir na lama d'essas ruas
Um alfinete só do teu toucado.

Digitized by Google

A MORTE DA AGUIA

A BORDO vinha uma aguia. Era um presente
Que um potentado, — um certo rei do Oriente,
Mandava a outro: — um mimo soberano.
Era uma aguia real. Entre a sombria
Grade da jaula o seu olhar luzia,
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ella curvava
Ao niveo collo a fronte que scismava..
E emquanto as ondas turbidas gemiam
Ao som do vento — em funebres lamentos,
Ella pensava nos longinquos ventos
Que do Hymalaia os pincaros varriam.

Digitized by Google

Fôra uma infame e traiçoeira balla,
Que do regio fusil negra vassalla,
Invisivel — uma aza lhe partira:
Cheia de luz, tranquilla, magestosa,
Dobrando a fronte branca e poderosa,
Aos pés de um rei a aguia real cahira.

Os bonzos vis, propheticos doutores,
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,
Que um venenoso balsamo tentava
Apaziguar em vão, — diziam rindo:
«Não ha no mundo um exemplar mais lindo:
Vale um imperio!» — E a aguia agonisava.

Um dia, emfim, o animal valente
Resistindo aos martyrios, — largamente
Respirou a amplidão. A aza possante
Abrir tentou de novo. Aberta estava
A jaula colossal que o esperava:
Forçoso era partir. Desde esse instante,

Digitized by Google

A aguia sombria e muda e pensativa,
Solemne martyr, victima captiva,
Terror dos vis, e symbolo dos bravos,
Pediu a morte a Deus, — pediu-a anciosa,
Longe, porém, da côrte vergonhosa
D'esse covarde e baixo rei de escravos.

Pediu a morte a Deus, o cataclismo,
As convulsões electricas do abysmo,
As batalhas finaes! Morrer num grito
Vibrante, immenso, heroico, soberano,
E fremente rolar no azul do Oceano
Como um titão cahido do infinito.

Morrer livre, cercada de victorias,
Com suas azas — pavilhão de glorias —
Inundadas da luz que o sol espalha:
Ter o fundo do mar por catacumba,
As orações do vento que retumba,
E as cambraias da espuma por mortalha.

Digitized by Google

Emtanto, melancolica, tristonha,
Como um gigante morbido que sonha,
Fitava, ás vezes, o revolto Oceano
Com esse olhar nublado e delirante,
Com que saudava a Cesar triumphante
O moribundo gladiador romano.

O commandante — urso do mar bondoso —
Disse um dia ao escravo rancoroso,
Ao carcereiro estupido e inclemente:
«Leve-a ao convez. Verá que esse desmaio
Basta para apagal-o um brando raio
Do largo sol no rubido oriente».

Subiu então a jaula ao tombadilho:
Do nato dia o purpurino brilho
Salpicava de luz o céo nevado...
E a aguia elevando a palpebra dormente,
Abriu as azas ao clarão nascente
Como as hastes de um leque illuminado

Digitized by Google

O mar gemia, lobrego e espumante,
Açoitando o navio; — além — distante,
Nas vaporosas bordas do horisonte,
As matutinas nevoas que ondulavam,
Em suas varias curvas figuravam
Os largos flancos triumphaes de um monte.

«Abra-lhe a porta da prisão,» (ridente
O commandante disse:) «Esta corrente
Para conter-lhe o vôo é mais que forte:
Voar! pobre infeliz! causa piedade!
Dê-lhe um momento de ar e liberdade,
Unico meio de a salvar da morte.»

Quando a porta se abriu, — como uma tromba,
Como o invencivel furacão que arromba
Da tempestade as negras barricadas,
A aguia lançou por terra o escravo pasmo,
E, desprendendo um grito de sarcasmo,
Moveu as longas azas espalmadas.

Digitized by Google

Pairou sobre o navio — immensa e bella —
Como uma branca, uma isolada véla
A demandar um livre e novo mundo;
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,
E como um turbilhão de aguias frementes,
Zunia o vento na amplidão, — profundo.

Ella lutou, anciosa! Atra agonia
Suffocava-a. O escravo lhe estendia
Os miseraveis e covardes braços;
Nú o Oceano ao longe scintillava,
E a rainha do ar, em vão, buscava
Onde pousar os grandes membros lassos.

Sobre o barco pairou ainda, — e alçando,
Alçando mais os vôos, e afogando
Na luz do sol a fronte alvinitente,
Ebria de espaço, ebria de liberdade,
Como um astro que cai da immensidade,
Afundou-se nas ondas de repente.

Digitized by Google

TEMPERAMENTOS

Uma era loira, ingenua e vergonhosa;
A outra ardente, lubrica, morena:
Esta era a flor vermelha e voluptuosa,
Aquella um branco lyrio, — uma assucena.

Liam. Cheguei-me como faz um velho,
Um velho e honesto professor de escola:
Vi que a morena lia o Evangelho,
E a loira lia o *Assommoir* de Zola.

Digitized by Google

MEU PAI

A MINHAS IRMÃS

Caí a floresta, magestosa e triste,
Sob as foices do tempo; os monumentos
Ruem do inverno aos pavorosos ventos:
Chegou a tua vez, meu Pai! cahiste.

Mas como o odor que a natureza calma
Deixa no largo bosque desfolhado,
Dentro em meu peito, nú e amargurado,
Deixaste-me, ao partir, toda a tua alma!

Ah! n'esta terra mortuaria e crua,
Meu Pai! a vida é um fumo: esvai-se e some,
Só a memoria como a luz fluctua!

Poupe-me a morte que hoje te consome,
Dê-me o Senhor virtude igual á tua,
Que eu talvez seja digno do teu nome.

1875.

Digitized by Google

A VOZ DAS ARVORES

EMQUANTO os meus olhares fluctuavam,
Seguindo os vôos da erradia mente,
Sob a odorosa cupola fremente
Dos bosques — onde os ventos sussurravam,

Ouvi fallar. As arvores fallavam:
A secular mangeira fielmente
Repetia-me o branco idylio ardente
Que dois noivos, á tarde, lhe contavam;

A palmeira narrava-me a innocencia
De um puro e mutuo amor, — sonho que veste
Dos loiros annos a feliz demencia;

Ouvi o cedro, — o coqueiral agreste,
Mas, excedia a todas a eloquencia
D'uma que não fallava: — era o cypreste.

Digitized by Google

NOITE TROPICAL

Desceu a calma noite irradiante
Sobre a floresta e os valles semeados:
Já ninguem ouve os cantos prolongados
Do negro escravo, estupido e arquejante.

Dorme a fazenda: — apenas hesitante
A voz do cão, em uivos assustados,
Corta o silencio, e vai nos descampados
Perder-se como um grito agonisante.

Rompe o luar, ensanguentado e informe,
Brotam fantasmas da savana nua...
E, de repente, um berro desconforme

Parte da matta em que o luar fluctua,
E a onça, abrindo a rubra fauce enorme,
Geme na sombra, contemplando a lua.

1873.

Digitized by Google

NOSTALGIA

Patria! berço d'amor que a alma embala
Em quanto a luz vital nos illumina.

JOÃO DE DEUS.

QUE tens? Cruenta dôr, maguas pungentes
Dobram-te a joven fronte esperançosa;
Do Amor acaso a garra imperiosa
Turbou-te o somno? O que tens tu? Que sentes?

Vem! Eu possúo em minhas mãos clementes
O talisman da vida deleitosa:
Vem! Junto a mim, oh alma caprichosa,
Verás romper manhãs resplandecentes:

Dou-te a riqueza, a força, a alta vertigem
Que a eterna Gloria no regaço encerra,
E apagarei dos males teus a origem.

—«Dai-me a vertigem da elevada serra,
Dai-me as riquezas da floresta virgem,
E — sete palmos só de minha terra.»

Londres, 1874.

Digitized by Google

NATAL

23 de Outubro de 1879

Eil-o feliz, contente, purpurino,
Limpo de maguas, nú de desenganos:
Eil-o no berço, — velho de seis annos,
Sempre a rir, como um Christo pequenino.

Vê como falla o seu olhar divino,
E o seu sorriso brilha! Os reis humanos
Não são mais fortes — crê — mais soberanos,
Que este mimoso e timido menino:

Seu berço náda em lagrimas suaves,
Ao som da voz das rumorosas aves,
Dos turbulentos anjos da familia:

E elle, a bater as palmas de alegria,
Nos abençôa: — é seu Natal, seu dia:
Hoje faz annos nossso Amor, Cecilia.

Digitized by Google

A NOITE DE S. JOÃO

Le streghe in frotte passano;
È la notte, Maria, di S. Giovanni.

PANZACCHI — *Romanze e Canzoni.*

NOITE de S. João! Quantas legendas
Na terra espalhas! Noite immensa e bella!
Quereis sentil-a bem e comprehendel-a?
Ide aos campos do Sul, ide ás fazendas.

Do céo nas alvas e orvalhadas rendas, —
Favorita de Deus — nua resvela
A lua cheia... É sua noite aquella!
E das bruchas tambem — dizem as lendas.

Eu livre pensador de grave siso,
Eu que me ria d'essas frioleiras,
Depois que vi, oh flôr do Paraiso,

Brilhar á luz vermelha das fogueiras,
Teu divino semblante num sorriso,
Creio em feitiços, creio em feiticeiras.

Digitized by Google

OS BOHEMIOS

Os bohemios vão cantando
Pelas estradas reaes,
Emquanto o sol descambando,
Doira as altas cathedraes.

Um d'elles, esfarrapado,
Meneia, aos sons da viola,
Outro, livido e esfaimado,
Faz tinir a castanhola.

As mulheres e os meninos
Seguem na frente a bailar,
Ao som dos estranhos hymnos
D'essa orchestra singular.

Digitized by Google

Desde a manhã, todo o bando
As ricas villas explora,
E vai, cantando, cantando,
Emquanto a fome o devora.

Por vezes uma criança
Põe-se a tremer e a cahir,
Mas o pae grita-lhe: — dança!
Dança! — e ella dança a sorrir.

Cobertos do pó da estrada,
Semi-nús, magros, sedentos,
Lá vão, em turma agitada,
Os miseraveis, aos centos.

E o rubro sol luminoso
Continúa a desmaiar
Como um nababo amoroso,
Sobre a terra e sobre o mar.

Digitized by Google

Oh pobres aves sem ninho!
Pobres arabes sem tenda!
Que em vosso negro caminho
A morte não vos surprenda!

Cantai! cantai, triste bando,
Vossa dorida canção!
Deixai que o mundo execrando
Vos negue o vintem de um pão!

Sois os Poetas da estrada,
Que a eterna febre consome,
Não tendes cama doirada,
Ai não! nem sequer um nome!

Mas seguis esfarrapados,
Vossos destinos fataes,
Protegidos e amparados
Por secretos Ideaes.

Digitized by Google

Quem sabe? Na atroz romagem,
Como celestes visões,
Vos guiam de Homero a Imagem,
E o Fantasma de Camões.

.....

Emquanto o sol descambando.
Doira as altas cathedraes,
Os bohemios vão cantando
Pelas estradas reaes...

Digitized by Google

LONDRES

Como um gigante suarento, dorme
Nos pardos mantos d'uma nevoa estranha,
A Cidade opulenta em cuja entranha
Rasteja a fome como um verme enorme.

Dos lampeões á dubia claridade,
Passam, repassam vultos cautelosos:
Este procura no mysterio os gosos,
Procura aquelle um pão, na realidade.

Contra o caes solitario o rio escuro
Geme convulso e espuma, — e novamente
Volta a gemer, de encontro ao velho muro;

Retine o oiro: — véla a Industria ingente,
Cresce a miseria, e augmenta o vicio impuro...
Oh millionaria Londres indigente!

Digitized by Google

A AVÓ

Ao nocturno clarão da lampada obscura,
A avó, terna sorri, de palpebras cerradas.
Emquanto pelo ar vôam as gargalhadas
D'uma rósea criança, ardente de ventura.

E ella, ao gentil rumor d'aquella travessura,
Cuida ouvir, como um echo, ao longe, outras risadas:
Mas o seu pensamento cai, de azas quebradas,
Sobre a cruz de uma negra e fria sepultura;

Suffocada de dôr, — abaixa a fronte e chora...
O menino a tremer beija-a, e, num gesto, a implora:
E a avó, ao deslizar do pranto que a conforta,

Prende nas magras mãos o risonho innocente,
E como num espelho azul e transparente,
Vê nesse puro olhar sorrir-lhe a filha morta.

Digitized by Google

SONETO ROMANTICO

Soam ao longe as trompas vencedoras;
Vibra o *hallali* na matta rumorosa:
Latem os cães, e a cavalgada airosa
Das elegantes, fortes caçadoras,

Cabello ao ar, altivas, tentadoras,
Qual de Diana a escolta poderosa,
Persegue a fera, e açula jubilosa
As matilhas crueis e vingadoras.

No emtanto, a castellã, triste e isolada,
Á sombra dos frondosos arvoredos,
Pallida, loira, casta e enamorada,

Passeia ouvindo uns matinaes segredos,
E como a Margarida da ballada,
Desfolha um malmequer entre os seus dedos.

Digitized by Google

HORA DE AMOR

Reunimo-nos todos no terraço:
A fria lua sobre nós pairava;
Rescendendo a baunilha, suspirava
A aragem, quente ainda do mormaço.

E Ella pousou o alabastrino braço
Nú sobre o marmor. Seu olhar brilhava
Como a opála ao luar, — e procurava
Os mudos olhos meus, de espaço a espaço.

Uma orchestra, invisivel e saudosa,
Cuja harmonia os echos repetiam,
Lançava á noite os ais de Cimarosa:

E quando os mais a musica applaudiam,
Eu, oh madonna minha silenciosa,
Ouvia o que os teus olhos me diziam.

Digitized by Google

O JAGUAR

Rosna o fulvo jaguar, triste e dormente,
No seio da floresta: — a fera inteira
Dobra á velhice, e a nevoa derradeira
Cobre-lhe a fauce livida e impotente.

O immundo insecto, a mosca impertinente
Zumbe-lhe em torno; — a cobra traiçoeira.
Fere-lhe a cauda inerte, e a aventureira
Formiga morde-o calma e indifferente.

Apenas quebra o somno funerario
Do velho heroe o grito, entre as folhagens,
Do cordeiro medroso e solitario;

Ou, atravez das tropicaes aragens,
O tropel affastado, intenso e vario
D'um rebanho de bufalos selvagens.

Digitized by Google

ARTE POETICA

A POESIA és tu... Não crês? Pois olha:
O sorriso subtil, leve, discreto,
Que em tua bocca limpida se esfolha,
Parece-me um Soneto.

Outras vezes, como uma caricia
Roçam te o labio, oh flôr de tentação,
A reticencia aeria da malicia...
E as azas da Canção.

Quando suspiras, e esse olhar magoado
Segue no espaço a luz final do dia,
Eu cuido ouvir n'um fremito — a teu lado,
Pousar uma Elegia.

E quando alegre, altiva, deslumbrante,
Nas grandes festas teu perfil serpeia,
És a Musa de Byron e de Dante,
És a rubra Epopéa.

Digitized by Google

ROMA

Nil patrium, nisi nomen, habet romanus alumnus.

PROPERCIO.

Eis o fantasma excelso e venerando
Da Cidade que a terra viu pasmada,
Como a barca de Christo ameaçada,
Ir nas ondas dos seculos boiando.

Aqui outr'ora a Liberdade armada
Das victorias do Golgotha baixando,
O sceptro imperial despedaçando,
Deu a Roma o buril, a penna e a espada.

Tudo findou. A colossal Senhora
Dos monarchas da terra — dorme agora
Entre os seus capiteis abandonados...

É mudo o Fôro, — a Gloria empallidece,
E a propria voz do bronze que estremece,
Chora os mortos heroes, — dobra a finados.

Digitized by Google

DIVA

Quando ella, timida e pura,
Como a estrella da Alvorada,
Meiga, languida, enleiada,
Sublime de formosura,

Faz desmaiar os fulgores
Dos salões irradiantes,
Rainha dos diamantes,
Celeste flôr entre as flôres:

Tristonho e desconsolado,
Diz o velho surdamente:
— Como era bello o passado!

Febril, sequioso, ardente,
Brada meu labio agitado:
— Oh! como é bello o presente!...

Rio, 1871.

Digitized by Google

JESUS

Astro de amor, baixado á terra um dia
Para aclarar as trevas com teu pranto:
Encarnação do Beijo sacrosanto
Que Deus pousou na fronte de Maria;

Cedo pagou-te o mundo o que devia,
Pobre rei de Israel! bem cedo! — e emquanto
Uns te renegam, — outros o teu manto
Arrastam ebrios pelo chão da orgia.

Por entre as nossas vergonhosas scenas,
Essa divina Imagem, que eu contemplo,
Provoca injurias e desdens apenas:

Oh bello, inutil e immortal Exemplo!
Hoje riem de ti as Magdalenas,
E os vendelhões expulsam-te do templo.

Digitized by Google

SUPPLICAS MATERNAS

A MILLIONARIA exclama anciosamente:
— Meu Deus! fazei d'este menino airoso
O mais perfeito ser e o mais glorioso
Que haja creado vossa mão potente.

A miseravel diz timidamente:
— Oh meu Senhor! o filho desditoso
De minha entranha dolorosa e ardente,
Fazei humilde, pobre e generoso.

Digitized by Google

SAUDADE DAS MONTANHAS

Aqui em frente d'estes descampados,
Á rude voz dos velhos lavradores,
Porque minha alma pende como as flôres,
Ou como a debil planta dos vallados?

Descamba o sol, aquietam-se os rumores
Da charrúa, da enchada e dos arados;
Os bois enormes pastam socegados;
Despovôam-se o campo e os arredores...

Sinto gemer-me o coração ferido:
Que dôr é esta que meu peito encerra?
Que dôr formou-te, oh intimo gemido?

É que n'estas planicies nuas erra
O fantasma solemne e ennegrecido
Das montanhas azues de minha terra.

1876.

Digitized by Google

O PHAROL

Rasga o navio as aguas encrespadas
Do mar convulso, tenebroso e immenso;
Da noite as azas, o sendal extenso
Cobrem do espaço as nevoas agitadas;

Longe, bem longe — as côres desejadas
Do pharol, entre o céo e o mar suspenso,
Rompem da noite o nevoeiro denso,
Guiando o barco ás plagas affastadas.

Assim tambem seguro caminhando
Vai meu amor em meio dos escolhos,
Tal como o lenho as ondas recortando:

Que importa a dôr, o frio, os crús abrolhos,
Se eu vejo sempre além vir despontando
A clara luz dos teus profundos olhos!

1872.

Digitized by Google

IDILIO

Ao pé da cerca elevada,
Meu cavallo impaciente
Agita a crina orvalhada...
No emtanto, amorosamente,

Eu e ella caminhando
Sobre a folha adormecida,
Vamos scismando, scismando,
Como Fausto e Margarida.

Do seu cabello abundante
O vago e sentido aroma,
Igual ao cheiro hesitante
Dos lyrios d'uma redoma,

Digitized by Google

Lentamente me fascina,
E eu beijo essa trança preta,
Qual pousam sobre a bonina
As azas da borboleta.

A noite, branca e macia,
Cai silenciosamente:
Mais claro que o claro dia,
Boia o Luar no oriente.

Tudo nos causa quebrantos
E emoções vertiginosas,
A flôr, os astros, os prantos
Das fontes mysteriosas;

As luciolas fulgentes
Na sombra azul do arvoredo,
E as mornas brisas plangentes
Que passam como um segredo.

Digitized by Google

Por vezes a sua fronte
Sobre o meu peito descança
Como a estrella no horisonte,
Ou como a vaga, em bonança.

A tremer... porque? ficamos
Estreitamente abraçados,
Na hora em que os curvos ramos
Dos largos bosques copados,

Vão, pouco a pouco, luzindo
Do dia ao primeiro encanto,
E as plantas movem sorrindo
O tenro caule... Entretanto

Ao pé da cerca elevada,
Meu cavallo impaciente
Escarva a gramma orvalhada...
E a lua cai no poente.

Digitized by Google

AS ESTRELLAS

Boas amigas, immortaes estrellas,
Eu vos comparo, oh niveas creaturas,
Ao ver-vos caminhar n'essas Alturas,
A um rebanho de lucidas gazellas.

Bem se assemelha o vosso olhar ao d'ellas,
Ninho de amor e ternas amarguras,
Mas sois mais puras que as gazellas puras,
Boas amigas, immortaes estrellas!

Ás vezes, levo as noites, fielmente,
A vos seguir ahi nas nebulosas
Planicies como um cão triste e dormente...

Mas vós fugis de mim! — silenciosas
Mergulhais no Infinito, de repente,
Como um bando de lettras luminosas.

Digitized by Google

O DANUBIO AZUL

Descamos ao jardim: dê-me o seu braço,
— Ella me disse — Este calor me mata!
E em sua espadua nua um véo de prata
Luzia: — era o calor, era o cansaço.

Seguimos a alameda conversando:
Que voz celeste! que inflexões que tinha!
Uma voz de contralto e de rainha,
Ora imponente, ora um murmurio brando.

E á tibia luz da Aurora que esgarçava
Da morta noite o solitario vello,
Toda minha alma, tremula escutava,

Cheia de um longo, — d'um profundo anhello,
Aquella ardente voz que suspirava
Como o *Danubio azul* n'um violoncello.

Digitized by Google

O ARSENAL

Dorme o vasto arsenal. As balas apinhadas
Reluzem ao clarão de lampadas distantes;
Agrupados na sombra os pavilhões brilhantes
Deixam cahir por terra as azas socegadas.

Dormem, fartas de sangue, as triumphaes espadas
No seio dos broqueis, como um tropel de amantes:
Dos vorazes fusis as pontas lancinantes
Repousam, uma a uma, — ao longo — enfileiradas.

Junto ao ferreo portão — repleto, equilibrado
Sobre a negra carreta — estende-se isolado
O cerbéro da Lei, o vil canhão enorme:

E ao soturno rumor do vendaval do norte
Que penetra-lhe a fauce, o bronzeo cão da morte
Uiva, rosna, ameaça, — e novamente dorme.

Digitized by Google

MADRUGADA NA ROÇA

DENTRO da sombra matinal os campos
Riem-se ao fresco pranto da Alvorada,
Sobre a planicie verde e perfumada
Vôa o bando dos tardos pyrilampos.

O arrieiro, tonto de preguiça,
Desperta apenas: — ao bulir das mattas
Vem misturar-se o echo das cascatas,
E os lentos dobres da primeira missa.

Sob o véo orvalhado os olhos d'ella
Brilham fitando os meus: ao divisal-os,
Cuido que Deus perdeu mais de uma estrella.

Rincham, pulando os nossos dois cavallos,
E atravez da manhã, cheirosa e bella,
Ouve-se o canto festival dos gallos.

Digitized by Google

A VOZ DE MOÊMA

« Ah Diogo cruel ! » disse com magua,
E sem mais vista ser sorveu-se n'agua.
DURÃO — *Caramurú.*

GEMEM as ondas mansamente; — a quilha
Do barco ondeia, ao som da vaga clara;
Cai do pharol a luz longinqua e rara,
E a Lua cheia sobre as ondas brilha...

Do mar na ardente e luminosa trilha
Nem um batel por estas horas pára:
Sonha a Bahia, ao longe, — a altiva e cara
Filha dos deuses, de Colombo filha.

Tudo silente dorme. O bardo, emtanto,
Que tudo vê, e em tudo colhe o thema
Que amor produz no flaccido quebranto,

Ouve pairar nos ares sons d'um Poema...
Ai! é a voz, — a voz, rouca de pranto,
A triste voz da pallida Moêma!

A bordo do *Senegal.*

Digitized by Google

D'UM POLO A OUTRO

Vejo-te ao pé de mim, horas e horas,
Fitos os olhos nos meus olhos: — vejo
Teu alvo rosto, e escuto o leve harpejo
De tuas breves phrases seductoras.

Ora me ris sómente, ora demoras,
Toda coberta de sublime pejo,
E eu sinto, Amiga, do teu casto beijo
Roçar-me a fronte as azas tentadoras.

Á noite, emquanto as pardas mariposas
Vôam-me em torno, — e as horas surdamente
Vibram profundas, longas e piedosas,

Vens procurar-me, tremula, innocente,
Coroada de lyrios e de rosas...
E ha quem diga que tu estás ausente!

Santiago do Chile, 1872.

Digitized by Google

OS ALBATROZES

FERVEM as vagas, os trovões rebôam
Nas roxas nuvens com fragor insano:
E nobres, calmos, sobre o irado Oceano
Os albatrozes em rebanhos vôam.

Os raios silvam, retalhando a espuma,
Uivam os ventos tragicos do norte;
E as grandes aves, sem temer a morte,
Pousam nas ondas, — sacudindo a pluma.

Vendo-os pensei na sanguinaria lidą:
Vi dos heroes a Pleiade arrogąnte,
De gesto calmo e de estatura erguida,

Em cuja fronte, excelsa e gotejante
Das salivas do mundo degradante,
O Genio vôa, desprezando a vida.

Mar Pacifico, 1872.

Digitized by Google

DIA DE FINADOS

Por entre as largas filas silenciosas
Das sepulturas mal illuminadas,
Rugem as negras sedas odorosas,
Ao compasso de excentricas risadas.

As grinaldas, de goivo entrelaçadas,
Á frouxa luz das vélas lacrimosas,
Rolam no pó dos tumulos, — lançadas
Da mesma sorte qual no palco as rosas.

Vão pelas mãos das nobres elegantes
As creanças risonhas, — scintillantes
De uma feroz e estupida alegria:

Cruzam-se olhares de malicia, — emquanto
Os Mortos sentem gotejar o pranto...
Que chora o orvalho quando expira o dia.

Digitized by Google

OS ESCRAVOS

Eu os lamento, amando-os: — do passado
Nas densas nevoas vejo tristemente,
Como n'um sonho, — a multidão contente
D'esses negros fieis... Ah! desgraçado

De quem não teve outr'ora o desvellado
Escravo de seus paes, junto ao tremente
Berço em que o nato espirito innocente
Dorme feliz e dorme descançado.

Por isso, agora, oh debeis protectores,
Quando a vossa figura carcomida
Vem contemplar-me, em meio ás minhas dôres,

Eu me reporto á epocha fugida
Dos amúos, das crenças e das flôres...
E beijo os elos da passada vida.

Digitized by Google

AMAR E SER AMADA

A Luiza

Si Satanas pudiese amar
dejara de ser malo.
Santa Theresa.

Approximei-me, e ouvi o que diziam;
— «Sinto um cruel prazer, disse uma: quando
Vejo-o a meus pés — ridiculo — chorando
Como um mendigo!...» E os labios d'ella riam.

Da outra os meigos olhos se embebiam
No sol distante... A noite ia baixando...
E eu vi que duas lagrimas brilhando,
Por suas faces pallidas cahiam.

Torna a primeira: — «Estupida ventura
A minha! Odiar e ser amada! Chóro
Por vêr-me livre d'essa creatura!

E tu?» — Em vão supplico, em vão o imploro: —
Sei que me odeia, e sou feliz! — «Loucura!»
— Sim! mil vezes feliz porque o adoro!

Digitized by Google

METAMORPHOSE

Meu coração repleto de esplendores,
Como as grutas fantasticas do Oriente,
Será digno de ti. Por ti sómente
Foi que eu junquei meu coração de flôres.

Por ti despi-o das passadas côres,
Por ti sequei a lagrima pungente
Que gotejava como o orvalho ardente,
Silenciosa — sobre as minhas dôres.

Entra. Percorre estes vergeis risonhos,
Calca a sorrir a terra emmudecida
Onde palpita o mundo dos meus sonhos.

Fica porém attenta e prevenida:
Has de ouvir, muitas vezes, os medonhos
E surdos ais de uma illusão perdida.

Digitized by Google

PAISAGEM

O dia frouxo e languido declina
Da Ave Maria ás doces badaladas;
Em surdo enxame as auras perfumadas
Sobem do valle e descem da collina.

A jurity saudosa o collo inclina
Gemendo entre as paineiras affastadas;
E além nas pardas serras elevadas
Vê-se da Lua a curva purpurina.

O rebanho e os pastores caminhando
Por entre as altas mattas, lentamente,
Voltam do pasto n'um tranquillo bando;

Suspira o rio tepido e plangente,
E pelo rio as vozes afinando,
As lavadeiras cantam tristemente.

Petropolis.

Digitized by Google

VENUS DE MILO

Venus sem braços! Eternal grandeza!
Abençoada seja a mão callosa,
Que te arrancou á entranha criminosa
Da terra e deu-te a divinal Realeza!

Dir-se-hia, oh Deus! que a avara Natureza
Enterrando-a no seio mysteriosa
Occultava-a dos homens — invejosa
D'esse prodigio enorme de Belleza.

Não ha flamma no sol, flamma tão bella
Como o raio d'aquelle olhar gelado
Que a Arte dirige em meio da procella:

E o Mundo inteiro curva-se pasmado,
Roja-lhe aos pés marmoreos, — e vê n'Ella
Um sorriso de Deus petrificado.

Digitized by Google

MATTA VIRGEM

Eu perdi-me na matta immensa e tenebrosa...
O vento que a principio era uma aragem pura,
Transformou-se de prompto,— e a brisa que murmura
Fez-se negro tufão de voz tempestuosa.

Treme o sólo, e a floresta ha pouco silenciosa,
Estorce-se a gemer n'uma cruel tortura;
O passaro fugindo — em vão louco procura
Na convulsão da matta a companheira anciosa.

Range o jequitibá: — os ninhos arrancados
Vôam no turbilhão; — a cabiúna anceia,
Deslaçam-se os cipós dos troncos derrocados;

Muge o rouco trovão, toda a floresta arqueia,
E eu, á tremenda voz dos echos espantados,
Tenho pena de mim como d'um grão de areia.

Digitized by Google

O BOM DOUTOR

O bom doutor, o medico excellente,
Diz ao tomar-lhe o pulso: — «Optimamente:
Vai tudo em mar de rosas.»
A mãe sorri e acerca-se do leito,
Ella sorri tambem, cruzando ao peito,
As duas mãos formosas.

O velho sabio inclina a austera calva,
Espelho da Sciencia: «Ella está salva»
Repete junto á porta.
Mas de repente a mãe correndo á cama,
Grita, recúa, empallidece, chama...
A filha estava morta.

Digitized by Google

O SOL NO MAR

As grossas ondas quebram n'um gemido
Gemido da alma quando está saudosa:
Uma expira após outra vagarosa
Com um leve, um frouxo, um timido ruido.

Nas fulvas bordas do horisonte unido
Ao mar — á vaga electrica e amargosa —
Vai-se cavando a tumba luminosa
Do Sol, do heroe, do deus nunca vencido.

Rubins, opálas, lyrios e violetas
Jorram do seio augusto e immaculado
Do rei do espaço e Guia dos Poetas...

E como o Cesar, morbido e cansado,
O Sol, colhendo as fulgurantes settas,
Dorme na regia purpura embrulhado.

Digitized by Google

A BORRALHEIRA

MEIGOS pés pequeninos, delicados
Como um duplo lilaz, — se os beija-flôres
Vos descobrissem entre as outras flôres,
Que seria de vós, pés adorados!

Como dois gemeos sylphos animados,
Vi-vos hontem pairar entre os fulgores
Do baile, ariscos, brancos, tentadores...
Mas, ai de mim! — como os mais pés calçados!

«Calçados como os mais! que desacato!
Disse eu — Vou já talhar-lhes um sapato
Leve, ideal, fantastico, secreto...»

Eil-o. Resta saber, Anjo faceiro,
Se acertou na medida o sapateiro:
Mimosos pés, calçai este soneto.

Digitized by Google

MIGUEL ANGELO E MOYSÉS

A R. Bernardelli
Esculptor Brazileiro

Quando arrancaste, oh livido Gigante,
Do inerte e frio bloco inanimado
Essa estatua que o mundo electrizado
Compára ás bronzeas criações do Dante;

Quando o velho Propheta deslumbrante
Do teu genio surgiu, oh Mestre ousado,
Imprimindo-lhe o punho desvairado,
«Falla!» bradaste extatico e offegante.

Ha já tres seculos que o immortal prodigio,
Obra de tuas mãos — resume a historia
Dos teus triumphos e do teu prestigio;

O proprio tempo, Archanjo da Victoria,
Não lhe deixa na pedra um só vestigio,
E elle não cessa de acclamar-te a Gloria.

Digitized by Google

PAULO E VIRGINIA

Fomos um dia alegres, estouvados,
Ao clarão matinal do sol nascente,
Colher as flôres do vergel ridente
E as primeiras amoras dos cercados.

Venturosos, risonhos, namorados,
Cada qual mais feliz e mais contente,
Esquecemos a terra inteiramente:
Doidos de amor, de gozo embriagados.

Seus cabellos — emquanto ella corria,
Voavam, loiros como a luz, dispersos!
Eu a chamava e ella me fugia.

Por fim voltámos — em prazer immersos:
E das venturas todas d'esse dia...
Resta a saudade que inspirou meus versos.

Digitized by Google

O FILHO

A vida d'elle era uma gargalhada,
A vida d'ella um pranto. Ella chorava
Sob o cruel trabalho que a matava,
Elle ria na tasca enfumaçada.

Jámais nos labios d'ella a aza doirada
De um sorriso passou; — jámais na cava
E horrenda face d'elle resvalava
Sequer de um pranto a perola nevada.

Mas Deus que deu á entranha de Maria
O Redemptor dos homens, Deus lhes fez
Uma esmola: — Deus fel-os pais um dia:

E ambos, beijando ao filho os niveos pés,
Pela primeira vez ella sorria,
E elle chorou — pela primeira vez.

Digitized by Google

A CARAVANA

Da agreste lyra aos matinaes harpejos
Foi caminhando, oh bella soberana,
A esperançosa e infinda caravana
Das minhas illusões e dos meus beijos;

Teus largos olhos, d'onde a luz emana,
Eram miragens de ideaes desejos;
E os labios teus — oasis bemfasejos
Cujo fulgor attrai, promette e engana.

E após jornadas cruas e penosas,
As minhas tristes illusões sequiosas
Do teu falsario coração já perto,

Succumbiram, oh perfida tyranna,
Como no Sahra a exhausta caravana
Que procura uma fonte e acha o deserto.

1871.

Digitized by Google

IDADE MEDIA

No seu terraço a pallida rainha
Aos clarões melancholicos do dia
Que transmontava — olhava os céos e ria
Seguindo o vôo azul de uma andorinha.

E o rei lhe disse: — Porque ris sósinha?
Quero saber a causa da alegria
Que te illumina a pallidez sombria:
Em que pensas, oh triste escrava minha?

E sempre a rir como a orvalhada rosa
Quando desponta a Aurora luminosa,
Responde ao rei a pallida rainha:

— Penso que um dia nos azues espaços,
Livre afinal do mundo e dos teus braços,
Minha alma voará como a andorinha.

Digitized by Google

CANTIGA PARA ADORMECER

A Santinha Sobral

Dorme! No céo os anjinhos
Já dormem tambem agora,
E na terra os passarinhos
Dentro do musgo dos ninhos,
Emquanto não rompe a aurora.

Dorme! A turba immaculada
Dos sonhos que a infancia cria,
Cerca-te a cama nevada
Por Maria abençoada,
Pois que te chamas Maria.

Dorme! É tarde: a Lua algente
No meio do céo caminha...
Dorme teu somno innocente,
Emquanto nós ternamente
Velamos por ti, Santinha.

Digitized by Google

PARIS

Fluctuat nec mergitur.
— Divisa da Cidade de Paris.

Eil-a! A Cidade esplendida e famosa,
A Princeza da Gallia, — o triumphante
Empório do Universo! Avante! Avante,
Oh alma deslumbrada e aventurosa:

Entra na multidão lesta e ruidosa,
Que inunda as ruas como um mar brilhante;
Mergulha as azas n'este sol radiante:
Canta! respira! sonha! vive e gosa!...

Paris! Paris! Nenhum poder na terra
Apagará as côres festejadas
D'essa Bandeira que o futuro encerra:

Que importa a inveja e a ira congregadas!
Tu ressuscitas — a voar — da guerra
Como a phenix das cinzas calcinadas!...

Digitized by Google

A ALCOVA

Atravez das cambraias rescendentes
E sobre o azul papel cheio de lyrios,
Vê-se do Christo os olhos innocentes
E a cabeça, crivada de martyrios;

Murcham n'um jarro de ideal opála
As rosas do Japão e as margaridas:
Pairam no ambiente as auras adormidas
Que a aza dos sylphos pela noite exhala...

Digitized by Google

Sobre o róseo tapête junto ao leito,
Vê-se uma fita; — alem vê-se a botina,
Uma botina, cujo molde estreito
Diz que é do céo o pé d'essa menina.

E o travesseiro, então? E os castos fólhos
D'esse lençol em que ella sonha e gosa,
Quando do somno a garra carinhosa
Cerra a cortina dos seus negros olhos?

E é tal o encanto d'esse mago ambiente,
E tão profundo esse divino encanto,
Que a alma ao sentil-o,—ao mesmo tempo sente
Ondas e mares de sorriso e pranto.

E como os crentes que da falta isentos
Libam as auras de uma Vida nova,
Quem atravessa a porta d'essa alcova,
Santa morada de alvos pensamentos;

Digitized by Google

Quem vê do Christo a face macilenta,
A cruz eburnea, os cravos sacrosantos,
Nos olhos baços os gelados prantos,
Na roxa boca a perola sangrenta;

Pensa no dia do final Juizo,
De crenças rico, de delicias farto,
E não sabe se aquella alcova é um quarto,
Ou se esse quarto é já o Paraiso.

Digitized by Google

ODIO

Esta criança timida e medrosa,
Obra prima do goso e da ventura,
Esta criança cuja bocca pura
Exhala aromas como o cravo e a rosa;

Esta innocente e loira creatura,
Meiga, gentil, tranquilla, venturosa,
Eu a detesto e odeio! É tão formosa
Que me faz mal a sua formosura:

Pois vêm-me á idéa as noites delirantes
Em que nos braços de outro palpitantes
Geraste as perfeições e encantos d'ella:

Vejo-te o seio louco de desejos,
E parece-me até ouvir os beijos
Dados, cruel! para a fazer tão bella!

1870.

Digitized by Google

ERNESTO

A minha irmã Luiza

Foste feliz, Ernesto! Deus piedoso
Arrancou-te do Mundo aos revoltosos,
Torpes, pungentes e insensatos gosos
Para dar-te do Céo o eterno goso.

Eras a folha exposta ao vento iroso
Que gera a dôr e fórma os desditosos:
Por isso Deus teus dias melindrosos
Guardou nas sombras do final repouso.

Dorme e sonha, criança! A eterna Morte
Mitigue e embale o teu sonhar modesto
Longe da humana e perfida cohorte.

Ah! eu que as loucas ambições detesto
Não fui digno de ter a mesma sorte:
Descança em paz; foste feliz, Ernesto.

1872

Digitized by Google

NHANHÃ

Um dia apresentaram-me. Ella lia
N'um canto do salão.
Deixou cahir aos pés o livro, — e ria
Estendendo-me a mão.

Mão de princeza, fina, delicada,
De tão macio alvor
Qual se a talhára alguma boa fada
No calix de uma flôr.

Digitized by Google

Era no campo. As auras forasteiras
Suspiravam no ar,
Frescas do grato odor das larangeiras,
Dos raios do luar.

Surda uma voz ao longe resoava
Em doloridos ais...
Quem canta? perguntei. — Ora! uma escrava!
Disse ella. E nada mais.

Fallou-me então das valsas delirantes
De Strauss e do furor
Dos novos *cotillons*. Disse-me: — D'antes
Valsava-se melhor.

E a voz da escrava como um ai de morte
Adejava ao luar...
— «Li, ha dois dias, n'um jornal da côrte
Que a Patti vae chegar:

Digitized by Google

Será verdade? Ah! quem me dera! A moda
Renascerá emfim!»
E ella, a bater as mãos, ria-se toda
Olhando para mim.

Contemplei melancholico o semblante
D'essa virgem feliz:
Era mais alva que ao luar errante
As pallidas willis;

Era tão doce como a Fantasia
D'um bardo sonhador:
Lamartine colhera uma *Harmonia*
Nos labios d'essa flôr.

E emquanto o seu olhar negro brilhava
Como a onda ao luar,
E a suspirosa aragem derramava
O aroma do pomar;

Digitized by Google

Emquanto aquella bocca fulgurante
Mais pura que os cristaes,
Repetia-me a chronica elegante
Dos ultimos jornaes;

A voz da escrava — tremula, queixosa,
Expirou na amplidão,
Longa como uma nenia dolorosa,
Triste como a paixão.

Digitized by Google

A BORDO

Á noite a bordo quando tudo dorme
Aos rumores do helice plangente,
Quando o marujo ao leme unicamente
E os pharoes vão guiando o barco enorme,

Eu subo ao tombadilho... Á noite pura
Entrego a fronte: — ás nuvens luminosas
Conto as minhas saudades dolorosas;
E é para mim uma ideal ventura

Curvar-me sobre o abysmo fumegante,
Rico de maravilhas ignoradas,
Vel-o a meus pés rugir como um gigante,

Sentir do vento as azas agitadas,
E beber como um nectar delirante
A embriaguez das ondas estrelladas.

Digitized by Google

A VESTAL

A UMA MULHER

Ias vivendo alegre e descuidosa,
Oh virgem alma! — Um dia aos teus ouvidos
Passar sentiste os magicos ruidos
Que a voz do beijo espalha victoriosa.

Essa Harmonia ardente e saborosa
Perturbou como um vinho os teus sentidos...
Viste romper uns soes desconhecidos,
Pobre Vestal! e a fronte ergueste anciosa.

Vibrou emfim a desejada hora,
Hora do amor cruel e fugitiva,
Em que dobrando a fronte, livre outr'ora,

Triste, abatida, em lagrimas, captiva,
Tu soffres a delicia aterradora
De estares sepultada e estares viva.

Digitized by Google

A BELLA

Disse o nababo amoroso:
— «Queres-me a mim por esposo?
Queres ouro? queres ouro?
Eil-o a teus pés, e eu te adoro!

Oh bella! bella entre as bellas!
Tu a melhor das estrellas,
A mais pura das mulheres,
O que desejas, que queres?

Eu te darei do Levante
As saphyras, o diamante,
O coral que vae surgindo.»

Disse o Poeta sorrindo:
— Eu te dou meu coração!
E a bella estendeu-lhe a mão.

Digitized by Google

CREDO

Meus amigos! Eu creio em Deus e no destino
Que do berço nos guia ao derradeiro leito...»
(Vozes: — Basta! O orador é suspeito! é suspeito!)
— Fóra o velho ideal! (grita um loiro menino.)

— «Eu creio, amigos meus, n'esse poder divino...
(Vozes: — Fóra o jogral!)... N'esse poder eleito
Eterno como o mar, calmo como o Direito...»
(Vozes: — Não crês tambem no Bacho purpurino?)

— «Eu creio no porvir (Ouçamos!) que ha de um dia
Como um rio de luz... (Champagne e Malvasia!
Bebamos o porvir! — Todos a rir beberam.)

— «... Como um rio de luz illuminar o abysmo.
(Gritos: Fóra o truão! fóra o torpe lyrismo!)
— «Creio tambem nas mães.» (Todos emmudeceram.)

Digitized by Google

O PIANO

Febril, nervosa, exhausta, ella cozia
Ferindo os dedos no trabalho insano;
Tinha só um desejo: era um piano:
Por isso a pobre nem sequer dormia.

Ganhou chorando a insolita quantia,
Depois de dias longos como um anno,
Que lhe exigiu a usura de um tyranno
Judeu que n'essas illusões não cria.

Quando afinal a escura agua furtada
Veio adornar o mimo cubiçado,
Como a rosa n'um tumulo plantada,

Com o seio ardente, o rosto desmaiado,
Ella pousou-lhe a mão enregelada
E morreu a sorrir sobre o teclado.

Digitized by Google

A NOIVA

Eu não senti essa cruel vertigem
Que abraza o sangue ante a mulher amada,
Senti cobrir-me o albor da madrugada
Quando, a tremer, tu me sorriste, oh virgem!

Eu não senti a tentação que encanta
E faz crescer o rol dos peccadores,
Senti minha alma se alastrar de flôres
Quando a teus pés me permittiste, oh santa!

E soube emfim quanto se exulta e gosa,
E como Deus enroupa uma alma núa,
Oh promettida e desejada Esposa,

Quando entre os véus em que o amor fluctua,
Tu me disseste candida, medrosa,
Toda banhada de rubor: «sou tua.»

Digitized by Google

NO ALBUM DE STANISLAU D'ATRI

Artista Romano

D'essa dôr saborosa que um Poeta
Chamou «doce pungir de acerbo espinho»,
D'essa lembrança de um perdido ninho,
Travo de mel e carinhosa setta;

D'essa dôr singular — dupla e secreta:
Macia, ás vezes, como o fresco linho,
Outras vezes terrivel como o vinho,
— Aspide occulto em calix de violeta;

D'essa febre cruel — ardente e fria —
Que envelhece n'um dia a mocidade
Quando a não matta antes do fim do dia;

D'esse mixto de horror e suavidade,
D'essa doença atroz, meiga, sombria,
Deus te preserve! Chama-se — Saudade.

Digitized by Google

REVELAÇÃO

Verum dispeream, nisi amo.
CATULLO — *Lesbia.*

QUERES saber porque te amei e quando
Começou este amor? — Lembras-te ainda
D'aquella tarde vaporosa e linda?...
Ia o sol nas montanhas resvalando.

E emquanto o céo de purpura raiado
Como as azas de um pallio nos cobria,
Emquanto o teu olhar calmo luzia
E me cercava de um fulgor sagrado;

Alguem turbou o virginal socego
A delicia melhor de nossa vida:
Era uma multidão baixa e perdida
Rindo e ultrajando as nobres cans de um cego.

Digitized by Google

O miseravel quasi moribundo
Faminto, rôto, frio e macilento,
Abria as magras mãos n'esse momento,
Pedindo um pão, um negro pão ao mundo.

Tu, como os Anjos que o Senhor envia
Ás desgraçadas victimas da fome,
Tu, oh querida, cujo bello nome
Sôa melhor que o nome de Maria,

Atravessaste a multidão pasmada,
E d'essa mão perfeita e carinhosa,
Como o rocio que alimenta a rosa,
Eu vi cahir... Oh alma enamorada,

Não me perguntes mais se te amo e quando
Começou este amor... Lembra-te ainda
D'aquella tarde vaporosa e linda:
Ia o sol nas montanhas resvalando.

1872.

Digitized by Google

FRENTE A FRENTE

ENCONTRARAM-SE um dia frente a frente
E estremeceram. Suas mãos nevadas
Brandiam duas limpidas espadas,
E o seu olhar fulgia heroicamente.

Disse a primeira, rapida, fremente,
Com o labio em fogo e as faces abrazadas:
«Quem és? Porque me segues as pisadas?»
— E tu? volveu a outra lentamente.

«Eu? Sou a hydra que jámais descança,
O rubro facho que a discordia atiça,
O horror do velho, o assombro da creança;

Ninguem se atreve a me affrontar na liça:
Olha-me bem! eu chamo-me a Vingança!»
— Treme de mim: eu chamo-me a Justiça!...

Digitized by Google

AS VOZES DA NOITE

A A. Carlos Gomes

A noite ia passando, oh Carlos, — luminosa
Como os dias azues dos tropicos candentes;
Uma orchestra ideal — das nuvens transparentes
Cahia sobre o mar — ampla e voluptuosa.

E eu pensava em teu genio, oh alma fulgurosa,
Oh Mestre! E quando ao longe as ondas reluzentes
Se enroscavam cantando e iam quebrar trementes,
Parecia-me ouvir o teu *Salvator Rosa.*

E a Noite ia passando... A lua apaixonada,
Apaixonada como o olhar do *Guarany,*
Afastou a sorrir a nuvem estrellada...

E n'esse instante ouvi — distinctamente ouvi
Suspirar em minha alma, extatica e inspirada,
A ballada immortal da languida *Cecy.*

Digitized by Google

A PRIMEIRA ENTREVISTA

Ella não tarda. Disse-me que vinha:
Mas quem sabe! Se acaso acontecesse
Qualquer cousa imprevista e não viesse!
Oh Deus do céo! que situação a minha!

E este relogio vil que não caminha!
E o tempo! — uma hora apenas e parece
Noite fechada já! Ah! se chovesse!...
Mas, não: alguem tocou á campainha,

Alguem subiu veloz a minha escada:
Cuço um rumor de seda machucada
E uns miudinhos, uns nervosos passos...

Duvido ainda! Espreito delirante:
Abro a tremer — e toda palpitante
Ella cai a sorrir entre os meus braços.

Digitized by Google

VERSOS DE STECCHETTI (1)

Estala-me a cabeça. O espectro ardente
Da ardente febre amargurar-me vem:
Estou sem forças, pallido, doente,
Mas quando penso em ti sinto-me bem.

Mas quando penso em ti cessam as dôres
E as esperanças brotam como flôres.

Quizera a morte para não soffrer,
Mas quando penso em ti quero viver.

(1) Poeta Bolonhez.

Digitized by Google

HISTORIA DE UM CÃO

CONTADA AO AUTHOR

Eu tive um cão. Chamava-se Velludo:
Magro, asqueroso, revoltante, immundo;
Para dizer n'uma palavra tudo
Foi o mais feio cão que houve no mundo.

Recebi-o das mãos de um camarada
Na hora da partida. O cão gemendo
Não me queria acompanhar por nada:
Emfim — mau grado seu — o vim trazendo.

Digitized by Google

O meu amigo cabisbaixo, mudo
Olhava-o... O sol nas ondas se abysmava...
Adeus! — me disse, — e ao affagar Velludo
Nos olhos seus o pranto borbulhava.

«Trata-o bem. Verás como rasteiro
«Te indicará os mais subtis perigos;
«Adeus! E que este amigo verdadeiro
«Te console no mundo ermo de amigos.»

Velludo a custo habituou-se á vida
Que o destino de novo lhe escolhera;
Sua rugosa palpebra sentida
Chorava o antigo domno que perdera.

Nas longas noites de luar brilhante,
Febril, convulso, tremulo, agitando
A nua cauda — caminhava errante
Á luz da lua — tristemente uivando.

Digitized by Google

Toussenel, Figuier e a lista immensa
Dos modernos zoologos doutores
Dizem que o cão é um animal que pensa:
Talvez tenham razão esses senhores.

Lembro-me ainda. Trouxe-me o correio,
Cinco mezes depois, do meu amigo
Um *enveloppe* fartamente cheio:
Era uma carta. Carta! era um artigo

Contendo a narração miúda e exacta
Da travessia. Dava-me importantes
Noticias do Brazil e de La Plata,
Fallava em rios, arvores gigantes;

Gabava o *steamer* que o levou; — dizia
Que ia tentar innumeras emprezas:
Contava-me tambem que a bordo havia
Mulheres joviaes — todas francezas.

Digitized by Google

Assombrava-se muito da ligeira
Moralidade que encontrou a bordo:
Citava o caso de uma passageira...
Mil cousas mais de que me não recordo.

Finalmente, por baixo d'isso tudo
Em *nota bene* do melhor cursivo
Recommendava «o pobre do Velludo»
Pedindo a Deus que «o conservasse vivo.»

Emquanto eu lia, o cão tranquillo e attento
Me contemplava, e — creia que é verdade —
Vi, commovido, vi n'esse momento
Seus olhos gotejarem de saudade.

Depois lambeu-me as mãos humildemente,
Estendeu-se a meus pés silencioso
Movendo a cauda, — e adormeceu contente
Farto de um puro e satisfeito goso.

Digitized by Google

Passou-se o tempo. Finalmente um dia
Vi-me livre d'aquelle companheiro:
Para nada Velludo me servia,
Dei-o á mulher d'um velho carvoeiro.

E respirei! — Graças a Deus! já posso
— Dizia eu — viver n'este bom mundo
Sem ter que dar diariamente um osso
A um bicho vil, a um feio cão immundo.

Gosto dos animaes, porém prefiro
A essa raça baixa e aduladora
Um alazão inglez, de sella ou tiro,
Ou uma gata branca scismadora.

Mal respirei, porém! Quando dormia
E a negra noite amortalhava tudo,
Senti que á minha porta alguem batia:
Fui vêr quem era, abri. Era Velludo.

Digitized by Google

Saltou-me ás mãos, lambeu-me os pés ganindo,
Farejou toda a casa satisfeito;
E — de cansado — foi rolar dormindo
Como uma pedra — junto do meu leito.

Praguejei furioso. Era execravel
Suppportar esse hospede importuno
Que me seguia como o miseravel
Ladrão, ou como um perfido gatuno.

E resolvi-me emfim. Certo, é custoso
Dizel-o em alta voz e confessal-o:
Para livrar-me d'esse cão leproso
Havia um meio só: era matal-o.

Zunia a aza funebre dos ventos,
Ao longe o mar na solidão gemendo,
Arrebentava em uivos e lamentos...
De instante a instante ia o tufão crescendo.

Digitized by Google

Chamei Velludo, elle seguiu-me. Emtanto
A fremente borrasca me arrancava
Dos frios hombros o revolto manto
E a chuva meus cabellos fustigava.

Despertei um barqueiro. Contra o vento,
Contra as ondas colericas vogámos;
Dava-me força o torvo pensamento:
Peguei n'um remo — e com furor remámos.

Velludo á prôa olhava-me choroso
Como o cordeiro no final momento:
Embora! Era fatal! Era forçoso
Livrar-me emfim d'esse animal nojento:

No largo mar ergui-o nos meus braços
E arremessei-o ás ondas de repente...
Elle moveu gemendo os membros lassos
Lutando contra a morte. Era pungente.

Digitized by Google

Voltei á terra, — entrei em casa. O vento
Zunia sempre na amplidão — profundo,
E pareceu-me ouvir o atroz lamento
De Velludo nas ondas moribundo.

Mas ao despir dos hombros meus o manto
Notei — oh grande dor! — haver perdido
Uma reliquia que eu presava tanto!
Era um cordão de prata: — eu tinha-o unido

Contra o meu coração constantemente
E o conservava no maior recato,
Pois minha mãe me dera essa corrente
E, suspenso á corrente, o seu retrato.

Certo cahira além no mar profundo
No eterno abysmo que devora tudo;
E foi o cão, foi esse cão immundo
A causa do meu mal! Ah! se Velludo

Digitized by Google

Duas vidas tivera, — duas vidas
Eu arrancara áquella besta morta!
E aquellas vis entranhas corrompidas!
Nisto senti uivar á minha porta.

Corri, — abri. Era Velludo! Arfava:
Estendeu-se a meus pés, — e docemente
Deixou cahir da boca que espumava
A medalha suspensa da corrente.

Fôra crivel, oh Deus? — Ajoelhado
Junto do cão, — estupefacto, absorto,
Palpei-lhe o corpo: estava enregelado;
Sacudi-o, chamei-o! Estava morto.»

Digitized by Google

CONFITEOR

Ao MAR, aos astros, aos ventos
E á mais recatada flor,
Eu já contei meu amor
E os meus occultos tormentos.

A humanidade indiscreta
Ouviu-o dos labios meus;
Narrei-o aos anjos e a Deus
Com minha voz de Poeta.

Amo! amo! amo! amo!
Por toda a parte o proclamo,
Por todo o mundo o espalhei:

Mas junto d'Ella emmudeço:
Córo, esfrio, empallideço...
Quero dizer-lh'o e não sei

Digitized by Google

VENEZA

Não és a mesma, oh flor de *morbidezza*,
Rainha do Adriatico! Brilhante
Jordão de amor, onde Musset errante
Bebeu em ondas a lustral belleza.

Já não possúes, oh triumphal Veneza,
O teu sorriso — olympico diamante,
Que se engastou do lord bardo amante
Na fronte heroica de immortal grandeza.

Tua escura laguna já não sente
Da antiga serenata o som plangente,
E os soluços de amor que nos teus barcos

Exhalava a patricia voluptuosa...
Resta-te apenas a canção saudosa
Das gemedoras pombas de São Marcos.

Digitized by Google

O ENTERRO CIVIL

Vai-caminho do olvido — a turba luctuosa...
Sopra o vento do outomno. As tochas vacillando
Pendidas para o chão, — consomem-se chorando
Como a ausente viuva, a martyr dolorosa.

No velludo do esquife a chamma nebulosa
Roça, brilha e se esvai, e o coche caminhando
Transporta ao cemiterio o espolio miserando
D'aquelle que viveu, e que afinal repousa.

Os amigos fieis, em tom grave e pausado,
Relembrando do morto as acções, o passado,
Dizem alçando a voz: — «Foi um homem de bem,

Um livre pensador, um coração valente,
Seja-lhe a terra leve e Deus omnipotente
Dê-lhe um lugar no céo...» Grita um garoto: Amen!

Digitized by Google

O COLISEU

Emquanto a Noite, que a scismar ensina,
Caminhava na nuvem ondulosa,
— Sinistra, muda, torva, pavorosa —
Eu me perdi na Imperial Ruina.

Do firmamento o raio baço e escuro
Treme no pó do Circo mortuario;
O Amphitheatro é negro e solitario,
Negro o canal e o condemnado muro.

E eu, abaixando a fronte ennevoada,
Desci ao antro, ao boqueirão do mundo
Onde a purpura dos reis ficou rasgada.

E pareceu-me ouvir um ai profundo,
E ver rolar na treva apavorada
O fantasma do escravo moribundo.

Digitized by Google

O DERRADEIRO OLHAR QUE NA AGONIA...

La douleur de s'en souvenir.
— CATULLE MENDÉS.

O derradeiro olhar que na agonia
Me dirigiste, oh mãe, nunca me esquece!
E quando os olhos volvo ao céo, parece
Que o teu ultimo olhar me aclara e guia.

Se os olhos fecho e a dor que me desola
Tento abrandar, alliviar procuro,
Vejo em minha alma o raio longo e puro
Do teu ultimo olhar que me consola.

Bemdita sejas, luz do meu deserto:
Olha-me sempre, mãe, da etherea altura,
Perto dos anjos e das glorias perto;

Olha-me sempre, amada Creatura!
Com tal pharol não errarei decerto
O caminho da tua sepultura.

Digitized by Google

NERA

I

Aos sinistros clarões de Roma que se abysma,
Nero tange feliz a lyra e canta e scisma...
A Cidade convulsa é como um rubro oceano
Que rastejando lambe a purpura ao tyranno.

O tugurio, o palacio, os aureos monumentos
Em negros turbilhões rolam por terra aos centos.
O Tibre espavorido encolhe as aguas turvas
E foge como a serpe em rutilantes curvas.

O escravo moribundo ergue os braços trementes,
Tentando espedaçar do pulso as vis correntes;
E atravez d'esse horror, d'essa infernal ruina
Suspira a molle voz do filho de Agripina.

Digitized by Google

II

Tranquilla como o audaz e feminil tyranno,
Oh Esphinge de carne, oh bello monstro humano,
Tu vês rojar-te aos pés o escravo que te implora,
Fria como um rochedo, alegre como a Aurora:

O soluço da dor echôa aos teus ouvidos
Doce como um tropel de matinaes ruidos;
E ao som da tua voz, indifferente e calma,
Lavra o fogo do amor que me ateiaste na alma.

187...

Digitized by Google

A UM RICO QUE PASSAVA...

Senhor, em nome do céu
Um triste pai vos implora:
Por Deus, por Nossa Senhora,
Ouvi-me, olhai-me: sou eu.

Uma filhinha, uma aurora
— Que doce olhar que era o seu!
Nestes meus braços morreu,
Morreu-me, senhor, agora.

Vós, cujos filhos ridentes,
Dormem fartos e contentes
— Loiros thesouros de amor

Entre nuvens de escumilha, —
Para enterrar minha filha
Dai-me uma esmola, senhor.

Digitized by Google

AS DUAS FORÇAS

Duas aguias solemnes, magestosas,
Voavam no infinito. Uma estendia
As fortes azas ao clarão do dia;
Movia a outra as azas dolorosas.

Uma — a possante — a Jupiter subia,
Subia a outra ás plantas caridosas
De Deus. E nas espheras luminosas
Uma a Deus, outra a Jupiter dizia:

— Jupiter! dai-me a guerra, a tempestade,
E de um só golpe eu vencerei por fim!
— «Dai-me, oh Senhor, a paz, a liberdade,

E Abel num beijo vencerá Caim.»
Abaixaram então da immensidade:
Uma pousou em França, — outra em Berlim.

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

OS POETAS MORTOS

Digitized by Google

Dignum laude virum **Musa vetat mori.**

— Horacio. — *Od. IV, VIII, 29.*

..... aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando.

— Camões. — *Luziadas,* Canto Primeiro.

La mort est le sacre du génie.

— Balzac

Digitized by Google

GONÇALVES DIAS

Descança, oh lutador, que assaz lutaste!
GONÇALVES DIAS — *Canto Inaugural.*

DORME, Poeta. Ao som da voz brilhante
De teu vivo sepulchro, — ao som da forte
Onda do mar: — dorme afinal na morte,
Oh lutador, vencido e triumphante!

Deus, ao te dar o amago arquejante
Do mar, aos ventos lugubres do norte —
Eternisou a tua augusta sorte
Pois fel-a como a vaga eterna e errante.

Digitized by Google

Repousa emfim no pelago estrellado,
No teu vasto sepulchro illuminado,
Tu que as glorias da vida conquistaste:

Embalado nas molles ondas cerulas
Entre os rubros coraes e as brancas perolas
Descança, oh lutador, que assaz lutaste!

Digitized by Google

CAZIMIRO DE ABREU

Deus ás tristezas o sorriso enlaça.
CAZIMIRO DE ABREU. — *As Primaveras.*

COLHE o Senhor ao despontar do dia,
As madresilvas mal abotoadas,
E as pobres aves de azas implumadas
Cede ás cruentas garras da agonia.

Que designios crueis o braço guia
Do Redemptor? — as flores desfolhadas,
As crianças descalças e esfaimadas,
A ave sem ninho, a habitação vazia!

É que uma aurora fulgurante espera
Quem nesta vida tormentosa e escassa,
Como o terno cantor da *Primavera,*

Por entre cardos a sorrir perpassa:
Pois Deus as flores enlaçou á hera,
Deus ás tristezas o sorriso enlaça.

Digitized by Google

JUNQUEIRA FREIRE

E vaga e vaga aligera e perdida
Pelas soidões do firmamento ethereo!
— J. Freire. — *Inspirações do claustro.*

Eil-o por terra — o genio consagrado,
O pensador do claustro! A larga fronte
Desceu á campa como além no monte
Desce do sol o globo inanimado.

Foi-lhe a existencia n'este inglorio mundo
Uma afflicção em meio de agonias:
Foram-lhe noites os mais claros dias,
E viveu como vive um moribundo.

Cobre-lhe agora o seio o pó funereo
Da sepultura. A lyra emmudecida
Já não acorda os echos d'esta vida:

Que importa! A alma exulta no mysterio,
E vaga e vaga aligera e perdida
Pelas soidões do firmamento ethereo!

Digitized by Google

ALVARES DE AZEVEDO

Foi poeta — sonhou — e amou na vida.
— A. de Azevedo. — *Lyra dos vinte annos.*

Quem dorme aqui ao pé das cazuarinas,
Sob o cypreste verde e suspiroso,
Este que sonha no final repouso
Dentro da terra cheia de boninas;

— Restea de sol nas nevoas matutinas —
Passou veloz, fulgente, carinhoso,
E só durou o instante esplendoroso
Que dura o orvalho nas manhãs divinas.

Por entre as turbas falsas e descrentes
Elle teceu a lenda incomprendida
Das lyras santas e das harpas crentes...

Chorai, chorai, oh multidão descrida,
Quem entre as vossas ambições dementes
Foi poeta — sonhou — e amou na vida.

Digitized by Google

CASTRO ALVES

E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lagrimas de prata!...
— Castro Alves. — *Espumas Fluctuantes.*

Baixaste á campa, sonhador, na hora,
Hora melhor da vida e da Poesia:
Mergulhaste na Noite eterna e fria,
Todo ensopado do orvalhar da aurora.

A Patria, — a triste mãe que te deplora,
Já não sorri, ai não! como sorria:
E que futuro, amigo, promettia
Tua alma brava, esplendida e sonora!

Dorme, porêm, feliz e socegado:
O mundo ainda é o mundo gangrenado,
E a dor que te mattou tambem nos matta:

A morte, sim, é o somno immaculado:
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lagrimas de prata!...

Digitized by Google

VARELLA

A noite, o orvalho, a viração e a calma.
— VARELLA — *As Selvas.*

Este era loiro como a luz coada
Da manhã pelas nuvens ondulantes:
Nos seus olhos azues e fascinantes
Boiava sempre a lagrima ignorada.

Alma por Deus dos anjos exilada,
No mundo apenas rapidos instantes
Pousou — e abrindo as azas delirantes,
Volveu cantando á paternal morada.

Mal seu gentil e angelico instrumento
Modulou entre nós. O firmamento
Cubiçoso esperava o albor d'essa alma;

E ella fechando o calix de repente
Foi gosar, junto a Deus, eternamente,
A noite, o orvalho, a viração e a calma.

Digitized by Google

AGRARIO DE MENEZES

Morrer, sim, é melhor. Que val o mundo?
— AGRARIO DE MENEZES. — *Calabar.*

A HORRENDA deusa em cujo negro seio
Rolam da vida as flores despencadas,
Cedo chumbou-te as palpebras amadas:
Bem cedo a morte aniquilar-te veio.

Como brilhava o sol ao meio dia
Nos teus montes soberbos e vistosos!
E esses clarões de lua voluptuosos
No azul de tua olympica Bahia!

Tudo perdeste, e emtanto, oh peregrino,
Neste sombrio barathro profundo
Desejam todos, crê! morrer num hymno:

Que val o corpo? Um trapo vil e immundo:
A vida é a luta acerba com o destino,
Morrer, sim, é melhor. Que val o mundo?

Digitized by Google

FRANCO DE SÁ

Do olhar lampejos mais vivos,
Da lyra canto melhor.
— FRANCO DE SÁ — *O Poeta.*

ELLE estreou nesta vida
Como os bardos do passado,
Cantando ao ar estrellado,
De louros a fronte ungida.

A Fé — o escudo sagrado —
A Crença — a espada luzida —
Cobriam a fronte erguida
Do Pensador inspirado.

Quando seus braços altivos
Na agonia e no estertor
Cahiram frios, captivos,

Desprendia o Sonhador
Do olhar lampejos mais vivos,
Da lyra canto melhor.

Digitized by Google

LAURINDO RABELLO

Um impossivel — a razão escreve,
Escreve o sentimento outro — impossivel.
— L. RABELLO — *Dous Impossiveis.*

QUANDO por entre os homens divisamos
Os prophetas da Santa Intelligencia,
Fortes em sua mystica excellencia
Como do cedro os gigantescos ramos;

Em nossa mente e coração pensamos
Que taes prodigios, que uma tal potencia
Jámais de Deus a paternal clemencia
Na lousa arrojará, e acreditamos

Ver o Poeta, envolto em luz e neve,
Roçar das campas o degrau terrivel
Sem a Morte o ferir sequer de leve:

Mas, oh terror! oh desengano horrivel!
Um impossivel — a razão escreve,
Escreve o sentimento outro — impossivel.

Digitized by Google

BRUNO SEABRA

Dormi — vim despe.tar na sepultura!
— Bruno Seabra — *Flores e Fructos.*

A vida é um somno máu e tormentoso
Em cujas sombras a illusão palpita,
E — como um sonho — velozmente agita
As brancas azas um mentido Goso.

Dormir, dormir-embora! Um hymno ethereo
Que o Poeta a sorrir traduz e escuta,
Nos diz que breve acabará a luta,
O combate da Idéa, o atroz mysterio.

Bem o pensaste, oh alma audaz e pura!
E quando a negra Morte enregelada
Abriu-te as portas da mansão obscura,

Repetiste, feliz e extasiada,
Das algemas da vida libertada:
— Dormi — vim despertar na sepultura!

Digitized by Google

AURELIANO LESSA

Vem com teus labios risonhos
Contar-me os singelos sonhos
Que em tua alma o céu verteu.
— A. LESSA — *Duas Auroras.*

Tu que cantaste os amores
E os idilios perfumados,
Oh lyra dos sons doirados!
Cordas de luz e de odores;

Pomba maior que os condores,
Bardo! A meus olhos molhados,
Que em vão procuram magoados
Teu mausoleu, entre as flores,

Mostra-te. Desce do céu,
Vem aos meus cantos tristonhos
Unir um cantico teu,

Vem com teus labios risonhos
Contar-me os singelos sonhos
Que em tua alma o céu verteu.

Digitized by Google

JOSÉ DE ALENCAR

No teu regaço, oh Patria angustiosa,
Oh grande Mãe! oh Niobe! consente
Que caia minha lagrima pungente
E suspire minha alma dolorosa;

Tua serena fronte magestosa
Curva-se á terra — livida e plangente:
Perdeste a nivea corda, a fibra algente
De tua agreste Lyra luminosa.

Quem cantará agora esse obscuro
Idilio da floresta, — ingenuo thema
Que elle criou — tão mavioso e puro?

Quem guiará as azas do Poema
Com mais doçura? Oh Bardos do futuro,
Eu vos pergunto em nome de *Iracema!*

Digitized by Google

PORTO ALEGRE

No horisonte da morte foi perder-se.
— Porto Alegre — *Colombo*.

Como a náu soberana a transitoria
Vaga do mar cortando fulgurante,
Tu percorreste o plaino triumphante
De um passado ideal — que é nossa historia.

Teu pavilhão ousado, aberto á Gloria,
Tremulava nos ares flammejante
Como a bandeira augusta do almirante
Que indica á esquadra as plagas da victoria:

Mas o Destino barbaro e implacavel
A cujo imperio o grande e o miseravel,
Gemeos filhos da dor, — vão abater-se,

Oppoz-te ao rumo a eterna penedia:
E a tua náu, Colombo da Harmonia,
No horisonte da morte foi perder-se.

Digitized by Google

TERCEIRA PARTE

Digitized by Google

Ora cantando placido y tranquilo,
Ora en trivial lenguaje, ora burlando,
Conforme esté mi humor, porque á él me ajusto,
Y allá van versos donde va mi gusto.

— Espronceda. — *El Diablo Mundo.* — Canto I.

Si não faço melhor é que não posso.

— Magalhães. — *Antonio José.* — Act. III.

Digitized by Google

PER AMICA SILENTIA...

Pelas ondas do tempo arrebatados
Até á morte iremos,
Soltos ao longo do baixel da vida
Os esquecidos remos.

— Machado de Assis. — *Noivado.*

Leve singrava a nossa esguia barca:
Fagueiro estava o céu e o mar fagueiro...
Lembras-te? Á prôa a voz do gondoleiro
Cantava uns versos do immortal Petrarca.

A aura marinha a suspirar beijava
As niveas dobras da oscillante vela
Bem como um labio... — e a vela palpitava
Como palpita um seio de donzella.

Digitized by Google

As magestosas cathedraes erguiam
Os imponentes vultos solitarios;
De longe em longe, os echos repetiam
Quebrados sons de velhos campanarios.

O sol sem raios lento agonisava
Na curva do horisonte... Preguiçosa
A casta Diva pallida esgarçava
Do firmamento a gaze nebulosa...

Sobre o rochedo a pique em alvo bando
As gaivotas pousavam, uma a uma,
E o torvo mar, junto ao rochedo uivando,
As borrifava de alvacenta espuma.

Frouxo, indeciso ainda scintillava
O clarão do pharol na alta collina,
E a Noite como um sonho deslizava
Calma, estrellada, extatica, divina!

Digitized by Google

E quando a nossa aventureira barca
Ia ondulando sobre a vaga nua,
E o gondoleiro os versos de Petrarca
Lançava aos raios da chorosa Lua,

Minha alma igual á essencia vaporosa
Que a terra exhala quando a noite desce,
Bem como uma alma que viveu na rosa
E torna a Deus como invisivel prece,

Voava a ti, oh meu amor! oh pura,
Pura visão dos mais felizes dias:
E tu, repleta de infantil doçura,
Me contemplavas timida, e sorrias.

O que eu te disse nem o sei agora!
Póde-se acaso relembrar o canto
Que a ave modúla na primeira aurora
E o coração em seu primeiro encanto?

Digitized by Google

O certo é que todo o meu destino
Se transformou por ti... Nesse momento
Erguendo as vozes festivaes d'um hymno,
Perante o largo altar do firmamento,

Minha alma enferma, exanime, descrida,
Oh peregrina flôr do Paraiso,
Bebeu de novo as illusões da vida...
Ao clarão redemptor do teu sorriso.

Digitized by Google

EVA

Adão ao vel-a nua e illuminada
Pelo celeste olhar omnipotente,
Sorriu, tremeu, chorou, e humildemente
Beijou a fronte á loira desposada.

Eva, entreabrindo a palpebra adorada,
Ao seu divino esposo meigamente
Estende os labios pallidos, tremente
Como a açucena aos lumes da alvorada.

Rezam depois as folhas da Escriptura
Que Eva peccou e o Archanjo vingador
Expulsou-os da edenica planura.

Salve, oh sublime filha do Senhor!
Tu que inventaste o extase, a ternura,
E os crimes todos do primeiro amor!

Digitized by Google

A HORA DO REPOUSO

O mundo inteiro envólvido
No silencio e no abandono,
Descança. Nenhum ruido
Vem turbar-lhe o fundo somno.

As aves dormem; as flores
De sereno borrifadas,
Sonham áos niveos fulgores
Das estrellas afastadas.

Nem um murmurio sómente
Parte o silencio que cobre
A mansarda do indigente
E as dependencias do nobre.

A Noite de aza espalmada
A natureza amortalha...
Só em minha alma acordada
O Pensamento trabalha.

Digitized by Google

NAUFRAGIO

SULCANDO as ondas, espumantes, bellas
Do verde mar a nau galharda corre:
Tranquillo o dia pouco a pouco morre,
E a Noite assoma á frente das estrellas.

Enfuna o vento o desfraldado panno,
O tempo é calmo, o espaço é todo um prisma:
E de repente a nau pára e se abysma
Nas fauces tôrvas e infernaes do Oceano.

Sabeis porque? Ninguem a bordo via
Ao nivel do porão um ponto incerto:
Riam-se á vida e a morte os conduzia.

Ha tambem almas como a nau decerto:
Vê-lhes o mundo a ephemera alegria,
E ellas trazem no seio um cancro aberto.

Digitized by Google

ENLEVO

Quando eu contemplo os olhos teus, oh pura
Obra de Deus num dia abençoado,
Sinto que vôo aos astros, enlaçado,
Preso aos raios da tua formosura.

E uma gostosa e matinal frescura
Tal como um véo de beijos recamado,
Cobre o meu coração fanatisado,
Cego de amor e cego de ventura.

És como a Lua placida e erradia:
Ao teu olhar meu coração ancioso,
Igual aos bosques quando expira o dia,

Repousa envolto num tremente goso,
E a ti se eleva a minha poesia
Bem como a voz d'um rouxinol medroso.

Cintra, 1873.

Digitized by Google

PAGINA INTIMA

A minha Mulher

Ils trébuchent, encore ivres du paradis.
V. Hugo.—*L'Art d'être Grand-Père.*

Quando elles vêm saltitantes
Como — entre os floridos ramos —
Os colibris doudejantes
E os travessos gaturamos,

Dizer-me as cousas mimosas
Que Deus ensina ás crianças,
Cousas tecidas de rosas
E bordadas de esperanças,

Digitized by Google

Phrases, pipillos, blandicias,
Intraduziveis harpejos,
Que tentam como caricias
E seduzem como beijos:

Sinto-me bom, compassivo,
Grande, forte, e enthusiasta;
Sinto que existo, que vivo:
Sinto-me alegre e me basta.

Pois esses brancos Amores
Allivio dos meus martyrios,
Que afogam as nossas dores
Numa cascata de lyrios,

Essas aves saltitantes,
Esses mimos, esses brilhos,
São nossos beijos errantes,
Cecilia! — são nossos filhos.

Digitized by Google

CONTRASTE

É MEIA noite. O hymno funerario
Das doze angustias vôa doloroso
Entre os raios da lua, e magestoso
Rodeia a cruz do velho campanario.

Tudo é silente. O espectro solitario
Do remorso e do amor paira onduloso,
Nas mudas trevas, — arrastando um goso,
Ou as medonhas fimbrias de um sudario.

Mas o Poeta, erguendo a fronte ousada,
Faiscante de limpida alegria
E de virentes illusões ornada,

Ouve a sorrir a lugubre elegia,
Pois em sua alma ardente e deslumbrada
Jorra em ondas a luz: — é meio dia!

Digitized by Google

A JANGADA

Cinco paus mal seguros e enlaçados
Vão atravez dos ventos tormentosos:
Nelles confiam mais que jubilosos
Dois pescadores nús e desgraçados.

Essa prancha que em saltos arrojados
Corta o mar como os lenhos poderosos,
Resume a vida, a fé — resume os gosos
Dos miseraveis rotos e esfaimados.

Nós tambem, alma minha, as desventuras
Bem conhecemos: — forte e esperançada
Sulcas do mundo o pranto e as vagas duras.

Que importa! A crença é tudo e a morte é nada,
E neste fundo abysmo de amarguras
Uma esperança vale uma jangada.

Digitized by Google

OLINDA

BRAMIA o lamarão como costuma
No feio inverno; — a lua embaciada,
De procellosas nuvens coroada,
Menos brilhava que do mar a espuma.

Róla em cachões a vaga encapellada,
As estrellas desmaiam uma a uma;
E a ferrea ancora é qual ligeira pluma
Nas convulsivas ondas mergulhada.

Todos contemplam do Recife as luzes:
Mas, oh memoria lucida e vidente,
Com que poder o espirito seduzes!

Era na escura Olinda, — a penitente
Das negras cathedraes e negras cruzes —
Que eu punha os olhos meus saudosamente.

Digitized by Google

AOS ESTADOS UNIDOS

No Centenario da Independencia

I

Mesquinho cidadão da America gigante,
Eu venho hoje depôr, oh collossaes Estados,
Nos vossos cem laureis, por Deus entrelaçados,
O meu beijo tambem, mas-ai de mim! distante!

Eis-vos, constellação tranquilla e deslumbrante,
Aclarando de frente os povos congregados:
Saúda a noite ao dia, á aurora os sóes tombados.
E o Mundo que viveu saúda o Mundo infante.

Acabais de nascer: — a vida, em realidade,
Começa para vós, grandes recemnascidos,
No dia em que fundais de todo a Liberdade

Salve pois! salve, salve, oh campeões ungidos
Vós que o rumo traçais á livre Humanidade,
Unidos pela força e para a gloria unidos.

Digitized by Google

DUAS SOMBRAS (1)

II

Hoje o norte, hoje o sul do joven continente
Resumem numa só quarenta milhões de almas:
O mundo americano, o heróe das lutas calmas,
Desdobra o pavilhão da Liberdade ingente.

O Amazonas soberbo arqueja de contente,
Quebram vagas azues como um bater de palmas:
Raiou o eterno dia em que todas as almas
Curvam-se ante o fulgor do joven continente.

E como num mysterio excelso e portentoso,
O poeta descobre alèm, alêm d'aquella
Estrella, que reluz no céo harmonioso,

Duas sombras que vão suspensas d'outra estrella,
Repetindo a vogar no azul mysterioso:
— Tu com Ella nasceste e eu morri por Ella.

(1) J. Washington. — A. Lincoln.

Digitized by Google

Á MULHER AMERICANA

III

Cabe a ti o prazer, a ti, mulher, a gloria
Que o Mundo electrisado hoje festeja e aclama:
Nasceu o heróe de ti,— e a grande voz da Fama,
Echo dos labios teus, vai retumbar na Historia.

Do despotismo um dia a purpura irrisoria
Tentou - oh! grande dor! - manchar da patria a flamma:
Teu coração viril que entre martyrios ama,
Rasgou-se mas pulsou no seio da Victoria.

És a loira criança e a mascula firmeza:
Nobre, e pura e serena: ora forte, ora terna,
Semelhante ao destino e igual á Natureza.

Raia nos olhos teus a Inspiração eterna:
Salve, pois, oh doçura! oh matinal grandeza!
Salve, nova mulher! Salve, mulher moderna!

Impressos no *Globo* do Rio — 1875.

Digitized by Google

A VALSA

Parece que a orchestra tem alma e que sente:
Dos astros cansados ao morbido olhar,
A musica geme qual gemem no mar
As ondas aos raios da lua plangente.

As gazes adejam no ar transparente
Bem como as neblinas que bailam no ar;
As sedas murmuram; — tambem ao luar
Murmura das vagas a clamyde algente.

E vós, loucas filhas da dança traidora,
Suspensas ás notas da orchestra que anceia,
Voais como as pombas divinas da Aurora:

Diana entre as nevoas longinquas pranteia,
E aos flebeis compassos da valsa canora,
Borbulham as ondas morrendo na areia...

A bordo.

Digitized by Google

ARRULHOS DE NAMORADOS

Não vês aquelle riacho
Que da explanada desceu
E uniu-se á fonte lá abaixo?
Ella és tu, elle sou eu.

«E tu? Vês aquellas palmas
Que enlaçam rijos cipós?
Não serão as nossas almas?
Não são tão iguaes a nós?

— Não vês os grupos formosos
Dos colibris sobre a flôr?
Assim vôam nossos gosos
Libando os favos do amor.

Digitized by Google

« E tu? Vês naquelle ramo
Uma ave? Olha: alli, alli:
Parece gemer: — Eu te amo!
Sou eu gemendo por ti. »

— Assim é: ambos compomos
Na terra um profundo nó:
O que sou eu? O que somos?
Dois corpos numa alma só.

1872.

Digitized by Google

A CANÇÃO DA MORTA

Quando eu cingia a veste caprichosa
Dos saráus opulentos e brilhantes,
Quando nas minhas gazes roçagantes
Enfeitiçava a turba rumorosa;

Diziam todos: — Como ella é formosa!
Que donaires correctos e elegantes!
E cercavam-me em grupos sussurrantes
Como as abelhas em redor da rosa.

Porque será que a multidão magoada
Geme agora de dor e de saudade
Contemplando-me a fronte engrinaldada?

Nunca tão bella fui na mocidade:
Eis-me feliz, risonha e amortalhada
Para as festas azues da Eternidade.

Digitized by Google

TRANÇAS AMADAS

O cabello é tal e qual
Um grande manto real.

Cantico dos canticos (1)

Tranças — ai! tranças formosas!
Cabello puro e annelado!
Tão negro, tão perfumado
Como as mattas tenebrosas;

Nas vossas roscas cheirosas'
Eu sinto o aroma orvalhado
Que habita o seio doirado
Da madresilva e das rosas.

Por isso, amor, quando vejo
Esses escuros novellos
Revoltos, tenho desejo

De aspiral-os, de sorvel-os,
E de morrer como um beijo
Nas ondas dos teus cabellos.

(1) Trad. de João de Deus.

Digitized by Google

OS OLHOS DE CLEMENCIA

Os labios mentem
Os olhos não.

BOCAGE.

Os olhos d'ella, os olhos de Clemencia
São como o infindo azul resplandecente:
Olhos em cuja luz mysticamente
Desponta a estrella d'alva da innocencia.

Nada perturba a calma transparencia
D'esse infantil olhar vago e dormente,
Onde se estampa ainda castamente
Das mãos de Deus a meiga omnipotencia.

Deixa que eu cante, oh anjo, a formosura
Do teu olhar dulcissimo: — entretanto
Cedo virá a hora ingrata e escura

Em que outra voz apregoará o encanto
Dos olhos teus, queimados de amargura,
De amor, de febre e de insensato pranto.

Digitized by Google

NOCTURNO

Del vostro bel cantar me n'innamoro.

Rispetto Toscano.

Canta! Parece — quando estás cantando —
Que eu já não sorvo o ar torpe e homicida
Dos tremedaes malditos d'esta vida...
Sinto o meu coração fugir voando...

Ao teu suspiro harmonioso e brando,
Minha alma exulta e goza enternecida
Como a abrasada planta humedecida
Dos orvalhos que a Noite vai chorando;

Ora me levas aos queixosos mares,
Ora á floresta umbrosa e recatada
Onde boiam perfumes e luares...

Oh! canta! Estou a ouvir na madrugada
Os sussurros do rio e dos palmares
De nossa terra, oh companheira amada!...

Digitized by Google

A GAIVOTA

Das espumosas ondas affrontando
O sal amargo, a alcyone *indolente*
Move as esguias azas, e contente
Vai sobre as ondas cerulas pairando.

Afflam as auras num suspiro brando,
Descerra o mar a funda entranha ardente,
E a gaivota se eleva, e novamente
Fulgem as aguas como que a tentando.

Assim tambem, oh alma louca e errante,
E vós, oh minhas illusões serenas,
Do mar da vida inhospito e brilhante

Ide por entre as revoltosas scenas,
E não lanceis ao monstro fascinante
As vossas brancas e selvagens pennas.

Bordo do *Niger*.

Digitized by Google

ASPASIA

Tu és famosa, oh bella, és celebrada
Como as deusas de Lesbos e de Athenas;
És a rival das lubricas Helenas,
És a moderna Aspasia idolatrada;

Sobre essa bocca vezes mil beijada,
Folgam do Goso as immortaes phalenas;
És o thesouro das gostosas penas
Que a humanidade traz escravisada;

Róla a teus pés o cofre da opulencia,
Um teu sorriso é da fortuna a origem,
Dominas, prendes, matas a consciencia:

No emtanto, ás vezes, uma atroz vertigem..
— « É que nesse momento a Providencia
Vara-me o seio com um olhar de virgem! »

Digitized by Google

AUTO DA FÉ

Queimai-vos cartas, expressões mentidas
D'um tempo infausto que não volta mais!
Flores myrradas, abrasai-vos todas!
Ao fogo! ao fogo, tentações fataes!

Tranças manchadas por seu labio impuro,
Ardei tambem nesse voraz clarão!
Falsas memorias e reliquias falsas,
As labaredas vosso asylo são.

Eis o retrato da infiel: tão calma
Como a innocencia e como um anjo está!
Queima-te, imagem fementida e torpe!
Varra-se a luz dos olhos teus! Mas ah!

Digitized by Google

Dá-me que eu possa contemplal-o ainda,
Fogo insensivel de infernal clarão:
Como estes olhos eloquentes fallam!
Como repousa esta serena mão!

Eil-o! Devora-o, mas devora-o rapido,
Pois meu martyrio e meu amor são taes,
Que se uma aragem te apagasse agora,
Ah! eu talvez não te accendera mais!...

1870.

Digitized by Google

Digitized by Google

Dá-me que eu possa contemplal-o ainda,
Fogo insensivel de infernal clarão:
Como estes olhos eloquentes fallam!
Como repousa esta serena mão!

Eil-o! Devora-o, mas devora-o rapido,
Pois meu martyrio e meu amor são taes,
Que se uma aragem te apagasse agora,
Ah! eu talvez não te accendera mais!...

1870.

Digitized by Google

A CAPELLA

Está postada á beira mar: — Um dia,
Ao som da vaga tepida que arfava,
E á morna luz do sol que se alongava
Pela amplidão da areia luzidia;

Eu penetrei o asylo em que sorria
A mãe de Deus. O padre consagrava
A hostia santa. O incenso fumegava,
E o rosto meu de lagrimas fulgia...

Por isso agora, oh pomba immaculada,
Quando te vejo ao pé de mim tão bella,
Tão risonha, tão branca, tão singela,

Chora minha alma, alegre e ajoelhada,
Como ante o altar da virginal capella,
Da pobre igreja á beira mar postada.

Digitized by Google

VISÃO

Como se chama?... Acaso se nomeia
A mulher que nos prende a alma erradia?
Marco, Ophelia, Desdémona, Maria,
São varios elos de uma só cadeia.

Leve, tão leve como a rara teia
Que ao mais ligeiro sopro se extravia,
Tão perigosa como a melodia
Dos invisiveis labios da sereia;

Ella deslumbra o mundo ternamente,
E em seu caminho as almas amorosas
Beijam-lhe os pés, num extasi de crente:

Mas que lhe importam queixas dolorosas!
Ella é o orvalho, puro e inconsciente,
Que volta ao céo depois de abrir as rosas.

Digitized by Google

O VIAJANTE

A Serpa Pinto

Quando o vento da tarde refrescava
Os brancos lothos, a palmeira brava
E os capinzáes ardentes,
Quando o chacal nos juncos estendido,
Dormia ao melancolico zumbido
Das abelhas luzentes;

Quando as cegonhas, em longinquo bando,
Iam no ethereo quadro desenhando
As fugitivas pennas,
E a doce lua, a triste mãe dos astros,
Derramava uma aurora de alabastros
Entre as nuvens serenas;

Digitized by Google

Sobre o niveo elephante engrinaldado
De coraes e rubins, — monstro sagrado
No Occaso e no Levante, —
Como visão estranha ella passava,
E em roda d'ella alegre caminhava
Um cortejo brilhante.

Era a princeza Aral, a descendente
Da mais guerreira tribu, a mais valente
Das tribus africanas:
Negra e amorosa como a Noite, — havia
Nos seus profundos olhos a ardentia
Das ondas soberanas.

Mais de um guerreiro altivo e poderoso
Vindo de longes páramos, glorioso
De louros revestido,
Tentou roubar-lhe o coração: no emtanto,
Ella foi surda á gloria, ao rogo, ao pranto,
E elle partiu vencido.

Digitized by Google

Nada a attrahia alêm do seu deserto
Horrendo e immenso, em cujo seio aberto
Ao sol e ás estrellas,
Ruge o leão enorme, e o tigre escuro
Espreita á sombra do covil impuro
O somno das gazellas.

E sempre ao descambar do sol radiante
Sobre o nevado e esplendido elephante
A princeza sorria,
Calcando o pó dos seus reaes dominios,
Emquanto ao longe, em vagos tons carminios,
Lento expirava o dia.

Agil como a panthera e tão mimosa
Como o botão da fulva tuberosa
Entre os juncaes virentes,
Deslizava-lhe a vida sem que o pranto
Até então lhe profanasse o encanto
Dos olhos transparentes.

Digitized by Google

Um dia aos seus ouvidos delicados
Soaram gritos, estrondosos brados
Da tribu reunida:
Inquieta a bella, rapida, curiosa,
Atravessando a turba revoltosa,
— Alegre e surprendida —

Viu entre os seus guerreiros arquejantes,
Vingativos, colericos, possantes,
Um branco — um forasteiro:
Firme como o destino elle sorria,
E o seu olhar heroico parecia
Lutar com o mundo inteiro.

Mil vezes mais que a scintillante e pura
Aza da garça era a perfeita alvura
De sua eburnea fronte;
E o seu cabello espesso, ondeante e loiro,
Brilhava como as alvoradas d'oiro
No pallido horisonte.

Digitized by Google

Em sua branca mão nervosa e fina
Luzia ao sol a esbelta carabina
De emblemas esmaltada;
Sob os seus pés — empoeirada e fria —
Uma formosa antilope jazia
No flanco baleada.

— «És a rainha, bem o vejo: és nobre,
Em tua calma fronte o olhar descobre
O mando sobranceiro;
És a Belleza: a tua formosura
Como a da Noite assombra a creatura.»
Começou o estrangeiro.

Igual ao debil nenuphar do lago
Da estiva brisa ao carinhoso afago,
A mesquinha ignorante,
Senhora do deserto livre e infindo,
Estremecia cabisbaixa ouvindo
O loiro viajante.

Digitized by Google

— «Dos meus perdi-me, ha quasi um dia inteiro,
E um cão, leal e bravo companheiro
Que sempre me seguia,
Morreu de febre no areal ardente:
Peço-te pois um tecto unicamente
Até romper o dia.»

Timida a um tempo e magestosa, a filha
Da grande tribu, a negra maravilha,
Virgem e soberana,
Abriu a turba com um sorriso honesto,
E ao forasteiro offereceu num gesto
Sua regia cabana.

O sol vibrava as crepitantes settas
Sobre o areal em fogo: — ageis, inquietas
As abelhas zumbiam...
De longe em longe os gritos penetrantes
D'uma afastada tropa de elephantes
Os echos repetiam.

Digitized by Google

E do estrangeiro o somno respeitado,
Tal como um rio placido e sagrado,
Que corre em abandono,
Ninguem ousou quebrar: — fôra punido
Com supplicios crueis o destemido
Que lhe turbasse o somno.

Cahiu a tarde, e a noite mansamente
Desenrolou o véo phosphorecente
Pela invia grandeza
Da solidão tremenda e pavorosa...
No emtanto, muda, tremula, chorosa,
A candida princeza

Scismava... Em que? Num mundo illuminado,
Todo de loiras frontes povoado...
E um turbilhão de scenas
Iam-lhe na alma exhausta resvalando,
Á rouca voz do solitario bando
Das lugubres hyenas.

Digitized by Google

Ao romper da manhã o forasteiro
Disse-lhe: — e o seu olhar longo e fagueiro
Turbava-a e commovia —
— «Tu merecêras mais que um throno: a terra
Bem poucas almas como a tua encerra:
Deus te salve, Maria.»

Quando do céo na gaze diamantina
Sumiu-se emfim a longa carabina
Do moço viandante,
Ella curvou a fronte dolorida,
Como succede á antilope ferida
E á corsa agonisante.

Nunca mais ao luzir do sol cadente,
Sobre o elephante branco a omnipotente
Princeza acompanhada
Por seus fieís e innumeros guerreiros,
Foi respirar os halitos primeiros
Da noite embalsamada.

Digitized by Google

Nunca mais uma flôr, uma esperança
Veio adornar-lhe a fronte, e á semelhança
Do meigo alóes queimado
Pelo simun revolto, ella sentia
Faltar lhe o sangue e em ancias comprimia
O seio amargurado.

As vezes — só — em frente do deserto,
O seu olhar saudoso, vago e incerto
No espaço se embebia,
E a sua boca tremulante e pura
Repetia com mystica ternura:
«Deus te salve, Maria.»

A tribu inteira em grupos, lacrimosa,
Contemplava-a de longe, e a mão callosa
Do possante guerreiro,
Brandindo a lança — que o furor agita —
Ameaçava a sombra impia e maldita
Do branco aventureiro.

Digitized by Google

E o dia frouxo e languido expirava:
O sol de mornas vagas inundava
As solidões medonhas...
E além, além, no ether transparente
Ia-se destacando lentamente
O vôo das cegonhas.

Digitized by Google

O PENSAMENTO

Uma pesada e funebre tristeza
Ganhava o espaço, — e a noite magestosa
Noite sem astros, noite procellosa,
Como um remorso enchia a natureza.

Do mar convulso na lethal grandeza
A voz das ondas torva e monstruosa,
Arquejante, sombria, cavernosa,
Lembrava os uivos d'uma hyena presa.

E emquanto o mundo, pavido e sedento,
Acabrunhado de crueis terrores,
Contemplava a tremer o firmamento,

Minha alma, envolta em turbilhões de flores,
Sobre o corcel audaz do Pensamento
Galopava do céo entre os fulgores.

Digitized by Google

GUITARRA

Cantei, oh bella, os dotes teus: a lyra
Fiel e meiga a voz me acompanhava,
E a lua, erguendo o manto de saphira,
Parecia escutar o que eu cantava.

Cantei-te o seio languido e alvejante
— Pomba aninhada em flocos de cambraia —
E pareceu-me ouvir naquelle instante
Zelosa a vaga estremecer na praia.

Cantei depois a juvenil fragrancia
Dos nossos velhos e gentis folguedos
Na mais sonora e feiticeira estancia;

Cantei o nosso amor e os seus segredos;
Mas quando ia cantar tua constancia...
Quebrou-se a lyra e me cahiu dos dedos.

18, 1.

Digitized by Google

O COLLAR

Quando de tulles coberta
Como os jasmins orvalhados,
Tu atravessas dos bailes
Os vastos salões doirados;

Sem uma joia, um ornato
Nesse collo virginal,
Sem uma petala d'oiro,
Sem um fio de coral;

Digitized by Google

Parece que os teus olhares
Pousam cupidos, ardentes,
Nos regaços salpicados
De frias pedras luzentes;

E uma nuvem pezarosa
Ensombra-te o rosto mago,
Como a neblina erradia
Que turba o espelho d'um lago;

Tens zelo talvez, tens zelos
Das milionarias brilhantes,
Que jorram nas loucas valsas
Como um rio de diamantes...

No emtanto, nada fulgura
Mais que os teus dotes serenos:
Nua de adornos tu vences,
Oh branca e innocente Venus!

Digitized by Google

Teus olhos valem saphiras,
Vale perolas teu riso:
E essas joias soberanas
Herdaste-as do Paraiso:

Feliz do noivo que um dia,
Rico de amor e desejos,
Prender-te ao seio de neve...
Um rubro collar de beijos.

Digitized by Google

MEMORIAS

De mi antiguo dolor recuerdos son.
CAMPO AMOR — *Doloras.*

BAIXAVA a noite: — os morros tristemente
No fofo azul das nuvens se envolviam....
Cheios de medo os passaros fugiam,
Á luz sombria do luar tremente.

Nós estavamos sós. Humildemente
Os olhos seus meus olhos reflectiam
Como no lago os astros, e bebiam
Sua alma fresca, tremula e innocente.

Ao pé de nós um rio suspirava,
E as roxas folhas do pomar copado
De espaço a espaço, o vento meneiava.

Seu alvo collo de pudor velado,
Entre os meus braços como a pomba arfava...
Calla-te, coração! Tudo é passado.

1871.

Digitized by Google

A UMA CEGA

Imitado do italiano

Não te lastimes, não, bella infeliz,
Por não poderes ver o nosso mundo:
Não vale tanto — crê — nem é jocundo
Como o teu pobre coração te diz.

Não vês os torpes pensamentos vis
Que se agitam do nosso olhar no fundo:
O desejo brutal, o instincto immundo
Que nos domina. Oh cega, és bem feliz.

Varre da mente os gosos com que sonha
Tua insensata e errante fantasia,
Ergue a cabeça livida e tristonha:

No nosso mundo a infamia tripudia
Nua, asquerosa, lubrica, medonha!
Feliz de quem não vê a luz do dia.

Digitized by Google

Á SOMBRA DOS ALAMOS

Pois nada o attrai aqui? — ella dizia —
Contemple a neve excelsa e triumphal
Que envolve os Andes... Sinta essa poesia!»

Mas eu nas sombras de minha alma via
As verdes serras do paiz natal.

— «Pois nada o prende então — accrescentava —
Nesta patria do amor e do ideal?
Veja que lua!» (e tão formosa estava!)

Mas em minha alma ainda fulgurava
A derradeira benção maternal.

Santiago do Chile — 1872.

Digitized by Google

INVERNO

Nas noites enregeladas,
Nas cruas noites de inverno,
Teus olhos, oh Bem eterno,
Luzem mais que as alvoradas.

E tuas phrases aladas,
Gostosas como o phalerno,
Me inundam d'um gozo terno,
Oh amada das amadas!

Que importa que ruja o vento
E ao longe rebrame o mar!
Nesse ditoso momento

Eu vejo no teu olhar
Um segundo firmamento,
Cheio d'um novo luar!

Londres.

Digitized by Google

TRISTE VOLTA

E. Panzacchi (1)

Voltei. Achei fechada a tua porta;
Quizera, ao menos, te apertar a mão;
Pedi noticias tuas e me deram,
Porêm tão tristes, tão penosas eram,
Que senti rebentar-me o coração.

Disseram-me, ai de mim, que já não és
Aquella amiga que eu aqui deixei,
A doce amiga que primeiro amei,
E a quem de prantos alaguei os pés.

(1) Poeta Bolonhez.

Digitized by Google

Disseram-me tambem que és mais formosa
Que és mais formosa do que d'antes eras,
Mas que fugiu de ti a Providencia,
E o melindroso lyrio da innocencia
Não orna mais as tuas primaveras.

Que triste volta! que cruel tormento!
Menos soffrêra eu se á tua porta
Ouvisse alguem dizer nesse momento:
— Não a procures, não: ella está morta.

Digitized by Google

MISS PERFECTION

Era mimosa como um fragil lyrio,
Como um tenro lilaz, como a encantada
Pery do Oriente — a peregrina fada —
Ou como Venus — o jasmim do Empyrio.

Jámais a nevoa de um fugaz martyrio
Turbou-lhe a altiva fronte delicada;
Pallida ás vezes, sim, d'essa magoada
D'essa magoada pallidez do cyrio.

Jogava as armas como um paladino;
Amava as cavalgadas, e o apparato
Do mundo a enchia de um prazer divino.

Da virgem tinha o nitido recato,
A timidez, o enleio purpurino,
Mas... Esse *mas* completa o seu retrato.

Brighton — 1874.

Digitized by Google

O CEGO

Hontem meu canto longo e amargurado,
Entre os grupos do povo sussurrante
Vibrou convulso, rouco, soluçante,
Como os queixumes de um adeus magoado.

E quando o humilde cego desgraçado,
Morto de fome e quasi agonisante,
Abria a mão gelada e supplicante,
Uma voz de mulher disse: «Coitado!»

Ah! que eu não possa contemplar-te um dia!
Que eu não te possa ver, casta Maria,
Tal que em meu coração hoje te vejo:

Tu, cuja voz plangente e commovida,
Resôou em minha alma agradecida,
Mais doce ainda que o rumor de um beijo.

Digitized by Google

Á BEIRA-MAR

Le crépuscule est triste et doux comme un adieu.
F. Coppée.

O sol sem raios sobre o mar desmaia:
A Tarde meigamente surprendida,
Desdobra o manto... A vaga entorpecida
Róla na areia tumida da praia.

O céo é como fulgida cambraia
Que envolve a terra — noiva adormecida —
Ouve-se ao longe os sinos de uma ermida,
E a lua nova no horisonte raia.

Tudo se acalma: — as virginaes estrellas
Rebentam como um turbilhão de flores,
Destacadas de angelicas capellas:

E atravez d'esses magos resplendores,
Vêm aproando á terra as largas vélas
Ao som da voz dos tardos pescadores.

Napoles.

Digitized by Google

A ESCRAVA

EMQUANTO os outros negros companheiros
Bailam em frente á lugubre senzala,
E da fausta vivenda a rica sala
Percorre a dança em giros feiticeiros;

Emquanto a noite com seus ais fagueiros
Como um segredo tropical se exhala,
E a quente aragem que a palmeira embala,
Treme na leve rama dos coqueiros;

Emquanto a festa vivida, inclemente,
Louca de febre e graças soberanas,
Prende o senhor e o escravo juntamente:

Ella, fugindo ás emoções tyrannas,
Recorda tristemente, tristemente,
A solidão das noites africanas.

Digitized by Google

SEÑORITA

Não tem a neve dos Andes
A alvura do rosto seu,
E os seus negros olhos grandes
Fulguram mais do que o céo.

Como a doce *granadina*
Exposta a um raio de luz,
Na boca d'essa menina
Um róseo fulgor transluz.

E os seus ondados cabellos!
Revoltas vagas do mar,
Onde a razão — só de vel-os —
Começa por naufragar.

Não ha decerto belleza
Igual no mundo, — não ha:
Mas, saibamos com certeza,
É bôa a menina ou má?

Digitized by Google

Se não ha sequer um astro
Entre os mais claros de Deus,
Alvo como esse alabastro
Que a envolve em mysticos véus;

Se em seus negros olhos grandes
Fulge um ardente clarão,
... Ha menos gelo nos Andes,
Menos que em seu coração.

Valparaiso — 1872.

Digitized by Google

A CARTA

A CARTINHA gentil que me escreveste
É um thesouro de erros e bellezas:
Da tua ortographia as incertezas
Dão mais valor ás cousas que disseste.

É um mimo ler-te! E tu não comprendeste
A altura do teu estro! — as ligeirezas
De tua penna valem as grandezas
De Virgilio e Platão que nunca leste.

Pensas que as ricas sabem muito? Cobre
O ouro, verniz da fofa gerarchia,
As miserias d'uma alma vêsga e pobre;

Tu é que és sabia, oh lyrial Maria,
Tu é que és sabia, millionaria e nobre:
Tens coração em vez de orthographia.

Digitized by Google

BOA VIAGEM

Boa viagem, almas forasteiras!
Ides á India — á terra promettida
Onde a alma se abysma enlanguecida,
Morta de amor — no olhar das bayadeiras.

Ides dormir nas funebres clareiras
Onde ruge a panthera surprendida;
Onde o clarão da lua entorpecida
Goteja e cai do leque das palmeiras...

E emquanto nós — prudentes creaturas —
Plantamos nesta insipida paragem
O velho tedio e as usuaes venturas,

Vós — ardentes de febre e de coragem,
Colheis a rubra flôr das aventuras:
Deus vos conduza, amigos! Boa viagem.

CANTIGA

Meu coração é um pobre
Um pobresinho sem lar,
Dá-lhe tu que és rica e nobre
A esmola do teu olhar.

Meu peito frio de neve
Se lhe roçar tua mão
Leve, leve, leve, leve,
Arderá como um vulcão.

Meus labios são dois escravos
Mortos de sede e de dor,
Abelha! tens tantos favos!
Dá-lhes o favo do amor.

E minha alma de precito,
Oh branca filha do céu,
Fal-a voar ao infinito...
Nas azas de um beijo teu.

Digitized by Google

A GAZELLA

Sobre um coxim de malvas e de rosas
No regaço do bosque, socegada
Dorme a gazella e sonha... A madrugada
Beija de leve as arvores frondosas...

Sonha que em vasta alfombra de mimosas
Por cristallinas aguas esmaltada,
Folga segura a tribu delicada
Das gazellas ligeiras e formosas.

Subito um grito agudo o espaço agita,
E como o raio cai da tempestade,
A panthera voraz se precipita.

Assim, gazella da alma, oh Mocidade,
Quando tu sonhas sobre ti palpita
A sanguinaria e bruta Realidade.

1875.

Digitized by Google

INCOGNITA

Et vera incessu patuit Dea.
VIRGILIO.

Eu vejo-a sempre no final do dia,
Quando os purpureos flocos do occidente
Vão descorando harmoniosamente,
Aos gemedores sons da Ave Maria.

Sua estatura de altivez sombria
Passa na triste e vaga luz do poente,
Como o fantasma, a sombra penitente
Da antiga Musa solitaria e fria.

Direis ao vel-a que uma acerba pena,
Que um martyrio satanico e profundo
Morde-lhe as fibras d'alma e as envenena;

E ella percorre as festas d'este mundo
Com a santa pallidez da Magdalena,
E com o olhar do Christo moribundo.

Digitized by Google

A UM MILLIONARIO

Dizes que és grande, que és omnipotente,
Que ao teu fulgor a propria natureza
Pasma e recúa, — e é tal tua grandeza
Que abala os céos e a terra juntamente.

Dizes que podes com teu oiro absurdo
Lutar com Deus, oppôr-te á Divindade,
E até, sem a menor difficuldade,
Dar voz ao morto e dar ouvido ao surdo.

Ora, se queres vêr-me, humilde e terno,
Ante essa força monetaria e vasta,
Esse poder que affronta céos e inferno,

Que algema os homens, que o univerno arrasta,
Compra uma cousa, oh Jupiter moderno,
Compra um raio de sol: — é quanto basta.

Digitized by Google

A LUA NO MAR

Corta o navio as aguas socegadas:
Repousa o mar, o velho mar bondoso;
No firmamento um ponto luminoso
Apenas fere as nuvens azuladas...

As nocturnas aragens despertadas
— Longos suspiros tremulos de goso —
Beijam do mar o seio poderoso
Como invisiveis e lascivas fadas.

O firmamento, pouco a pouco, brilha;
Sobre a planicie murmurante e nua,
Que o altivo barco soberano trilha,

Como um vulcão de neve que fluctua,
Rompe de todo a eterna maravilha:
A grande, a calma, a solitaria Lua!

Digitized by Google

Digitized by Google

A LUA NO MAR

Corta o navio as aguas socegadas:
Repousa o mar, o velho mar bondoso;
No firmamento um ponto luminoso
Apenas fere as nuvens azuladas...

As nocturnas aragens despertadas
— Longos suspiros tremulos de goso —
Beijam do mar o seio poderoso
Como invisiveis e lascivas fadas.

O firmamento, pouco a pouco, brilha;
Sobre a planicie murmurante e nua,
Que o altivo barco soberano trilha,

Como um vulcão de neve que fluctua,
Rompe de todo a eterna maravilha:
A grande, a calma, a solitaria Lua!

Digitized by Google

O CYSNE

Sua nivea formosura
Encanta languidamente
Como o cysne na corrente:
Macia, ondulante e pura.

Seu labio jamais murmura,
E o seu regaço indolente
Palpita amorosamente,
Oh Deus! como a sepultura!

E quando minha alma anciosa
Cuida que vai escutar
Uma palavra amorosa:

A Formosura sem par
Desliza silenciosa...
Bem como um cysne ao luar

Digitized by Google

O BOI

G. Carducci (1)

Amo-te, oh manso boi, forte e jocundo,
Quando inundas de paz meu pensamento,
Ou quando — austero como um monumento —
Contemplas o vallado amplo e fecundo.

Gosto de ver-te, auxiliador do mundo,
Emquanto o homem fere-te cruento,
Lhe responderes, não com um vão lamento,
Mas com teu doce olhar, — doce e profundo.

Nessa cansada e tumida narina
Fumega o teu espirito affanoso,
E o teu mugido na amplidão se perde...

Descamba o sol no valle e na campina,
E em teu olhar reflecte-se saudoso
Dos campos o silencio — augusto e verde.

(1) Poeta Bolonhez.

Digitized by Google

A SERTANEJA

(Canção do Norte)

Ainfi chante au soleil la cigale dorée.
A. de Musset.

Eu sou a virgem morena,
Robusta, lesta, pequena,
Como a cabrita montez;
Vivo cercada de amores,
E Aquelle que fez as flores,
Irmã das flores me fez.

Vinde ver, oh boiadeiros,
Meus vestidos domingueiros,
Meus braços limpos e nús:
Ah! vinde vêr-me enfeitada
Com minha saia engommada,
Com meus tamancos azues.

Digitized by Google

Sertanejos, sertanejos,
Pedis debalde os meus beijos,
Em vão pedis meu amor!
Eu sou a agreste cotia,
Que se expõe á pontaria,
E ri-se do caçador!

A sertaneja morena
Bonita, forte, pequena,
Não cai na armadilha, não:
A jassanan corre e vôa
Quando vê sobre a lagôa
A sombra do gavião.

Sou orphan, donzella e pobre,
Vistosa telha não cobre
O lar que herdei de meus paes:
Que importa? Vivo contente:
Ser moça, bella e innocente
É ter fortuna de mais!

Digitized by Google

Quem tece e protege o ninho,
Quem defende o passarinho,
Quem das mãos espalha o bem,
Quem fez o sol e as estrellas,
Dando a virtude ás donzellas
Deu-lhes a força tambem.

A Virgem nunca se esquece
Da mais tosca e simples prece
Que vôa ao seio de Deus:
Por cada infeliz que chora
Abre na terra uma aurora,
Crava uma estrella nos ceus.

Sertanejos, sertanejos,
Podeis morrer de desejos
Que eu não me temo de vós!
A sertaneja faceira
É mais que a paca ligeira,
Mais que a andorinha veloz.

Digitized by Google

Sou viva, arisca, medrosa,
Bem como a onça raivosa
Prompta ao mais leve rumor!
No meu cabello selvagem
Sente-se a morna bafagem
Das mattas virgens em flôr.

No samba quem puxa a fieira
Melhor, melhor que a trigueira
Maravilha dos sertões?
Que peito mais brando ancêa,
Quem mais gentil sapatêa,
Quem piza mais corações?

Ai gentes! ai boiadeiros!
Não sois decerto os primeiros
Que o meu olhar captivou:
D'esta morena a doçura
É como frecha segura:
Peito que encontra — rasgou!

Digitized by Google

Minha rede é perfumada
Como a folha machucada
Da verde malva maçã:
Nella me embalo sonhando,
E d'ella salto cantando
Quando vem rindo a manhã.

Sonho com jambos e rosas,
Co'as madrugadas formosas
D'este formoso sertão:
Meu sonho é como a canôa,
Que vôa, que vôa e vôa
Nas aguas do ribeirão.

Trago no seio guardado
O rosario abençoado
Que minha mãe me deixou:
Ai! gentes! ai! pastorinhas!
Se estão alvas as continhas
Foi que meu pranto as lavou.

Digitized by Google

Quem é mais feliz na terra?
Quem mais delicias encerra,
Quem mais feitiços contem?
Vem, moreno boiadeiro,
Desafiar meu pandeiro
Com tua guitarra, — vem!

Raiou domingo! Que festa!
Que barulho na floresta!
Quanto rumor no sertão!
Que céo! que mattas cheirosas!
Quanto perfume nas rosas,
E quantas rosas no chão!

Vinde ouvir-me na guitarra:
Não ha nas brenhas cigarra
Que me acompanhe, — não ha!
Trazei, trazei, boiadeiros,
As violas, os pandeiros,
Os buzios, o maracá.

Digitized by Google

Eu sou a virgem morena
Robusta, lesta, pequena
Como a cabrita montez;
Vivo cercada de amores,
E Aquelle que fez as flôres
Irmã das flôres me fez.

1869.

Digitized by Google

LONGE DOS HOMENS

A C.

Deixemos, sim? voar os nossos dias
Como um bando de abelhas sussurrantes:
Ha tanto sol nas illusões fragrantes,
E o nosso amor tem tantas ambrozias!

Que nos importa o mundo? Ouve-me: — d'antes
Eu assisti ás negras alegrias
Da vida sem amor: — frontes sombrias,
Desejos máus, prazeres degradantes.

Hoje que tu és minha... Ah! se soubesses
Como agradeço a Deus o ter-me aberto
O thesouro das crenças e das preces!

E ter meu passo, vacillante e incerto,
Guiado até que emfim me apparecesses,
Oh palmeira gentil do meu deserto!

1873.

Digitized by Google

O BERÇO E O TUMULO

Eu sou — dizia o berço ao tumulo profundo —
A mansão da innocencia, a festival guarida:
Em meu seio de neve é que resplende a vida:
Eu sou o amor! o amor!... E tu, sepulchro immundo,

És a voraz garganta, o abysmo furibundo
Onde o leve batel, de bussola partida,
Sente cahir-lhe o leme e a vela descozida:
Oh morte, és como o tigre, e o teu curral é o mundo.

Respondeu-lhe o sepulchro: - Escuta, emquanto inflammas
As crueis ambições, os odios, a impiedade,
Eu acolho em meu seio as iras que derramas:

Dou a flôr, dou o fructo á livida orphandade,
Despovôo o hospital, varro as immundas camas,
E aos Poetas sem pão dou a Immortalidade.

Digitized by Google

CONFIDENCIA

Como dois cysnes que se vão errantes
D'um quieto lago a vaga azul turbando.
As nossas almas juntas deslizando
Aza com aza, voam semelhantes
Como dois cysnes que se vão errantes.

Ninguem nos pode separar na vida;
Sómente o Creador — Deus tão sómente
Fôra capaz num dia injustamente
De dar-te a morte e me poupar, querida:
Ninguem nos pode separar na vida.

Digitized by Google

Juntos gozamos, juntos padecemos:
Assim os galhos gemeos medram, crescem
Ao mesmo tempo e a mesma dor padecem;
O que tu soffres ambos nós soffremos:
Juntos gozamos, juntos padecemos.

Ao Firmamento limpido e profundo
Nossas aspirações boas e calmas
Vão ascendendo... Um dia as nossas almas
Subirão abraçadas d'este mundo
Ao Firmamento limpido e profundo.

Digitized by Google

SATANAZ

Quando Satan, o Archanjo fulminado
Pelas Divinas mãos, a creatura
Obra de Deus — encarcerar procura
Entre as bronzeas muralhas do Pecado,

Explora o mundo inteiro disfarçado:
É o Odio, a Guerra, é a Avareza impura,
A Luxuria venal, a torva e escura
Vingança... E o monstro sempre transformado,

A raça humana, estolida e ignorante,
Lança aos martyrios d'um voraz tormento
Mais assombroso que as visões do Dante;

Ah! quando chega a minha vez intento
Salvar-me — Em vão! — o infame nesse instante
É mais atroz ainda: — é o Pensamento!

Digitized by Google

NO DESERTO

QUANDO a Virgem, fugindo á lança dos sicarios
Unia ao casto seio o redemptor bemdito,
A noite os surprendeu nos plainos solitarios
Onde Memnon eleva o tronco de granito.

Nem um astro sequer da cupula divina
No profundo docel, nem um vislumbre apenas:
Era a hora em que o vento arqueja entre a ruina,
Aos gritos do chacal e aos uivos das hyenas.

Digitized by Google

A José, cujos pés em chagas latejavam
Sobre a areia cruel, disse a Virgem Maria:
«Repousemos aqui.» — Seus braços vacillavam —
«Seguiremos depois, quando romper o dia.»

Tacteando na sombra espessa e luctuosa,
José o roto manto ao longo desdobrava:
E a Virgem Mãe de leve, e pallida e medrosa,
Sobre o manto deitou Jesus que resomnava.

«Dorme» disse ao esposo a Virgem brandamente:
«Por nós o doce Pai attento está velando.»
Elle triste inclinou a fronte humildemente,
Ella aos pés de Jesus adormeceu chorando

E sonhou... O futuro horrifico e sangrento
Do seu loiro senhor, do seu divino filho,
Drama de pranto e luz — veio nesse momento
Encher-lhe o coração d'um pavoroso brilho.

Digitized by Google

Viu-o crescer tranquillo e puro, abençoando
As negras multidões, torvas de saciedade:
Ouviu-lhe a grande voz, como um clarim lançando
Ao mundo espavorido os sons da Liberdade.

Viu-o, por entre o povo, inhospito e implacavel,
Forte como os heróes, e — debil como as flores —
Colhendo em seu regaço, eternamente affavel,
As crianças gentis e os rudes pescadores.

Viu-o sereno e nobre e firme, interpretando
Os mysterios da vida ephemera e terrena:
E a multidão pasmada o ia acompanhando,
E sagrava-o de amor o olhar da Magdalena..

Viu-o chorar então as lagrimas primeiras,
Elle — o augusto ideal do Bem e da Ternura —
No sombrio jardim das tristes oliveiras,
Bebendo, gota a gota, o calix da amargura.

Digitized by Google

Viu-o depois sorrir ao beijo tenebroso
Que Judas lhe imprimiu na immaculada fronte,
Como sorri o oceano ao lenho aventuroso,
E como acolhe o raio o alcantilado monte.

Por fim o viu convulso e esqualido arrastando
O proprio cadafalso e o lugubre sudario...
Viu-o amarrado á cruz, — viu-o morrer penando,
Entre infames ladrões, no cimo do Calvario.

E Maria a gemer, extenuada, exangue,
Despertou num soluço, e olhou: Jesus dormia:
A aurora lhe formava um nimbo côr de sangue,
E o divino Cordeiro extatico sorria.

Digitized by Google

SORRENTO

Nós chegámos á tarde... Em molle effluvio
A tenue brisa, languida e cansada,
Serzia as ondas da dormente enseada;
Á nossa frente erguia-se o Vesuvio.

Entre as aguas suspenso e o firmamento,
Perdia o sol as derradeiras cores;
Riam, cantando ao longe, os pescadores
E as poeticas filhas de Sorrento.

Lepida a vaga, esmeraldina e bella,
Vinha roçar-te os pés — branda, discreta,
Como a nuvem que roça numa estrella...

Presa a uma dor incognita e secreta,
Pensavas tu talvez em Graziella...
E eu invejava a sorte do Poeta.

Digitized by Google

A MEU FILHO GABRIEL

6 de março de 1880

Ha poucas horas apenas
Que te partiste a voar,
D'este mundo e d'estas penas,
Oh creatura exemplar!

Fugiste á vida traidora
E á nossa vil multidão,
Em busca da infinda Aurora,
Da eterna Consolação.

Risonho, loiro, suave,
Tua mãe viu-te passar
Como um relampago, uma ave
Na lisa face do mar.

Digitized by Google

Mal tuas azas ethereas
Roçaram do mundo atroz
A podridão e as miserias,
Oh andorinha veloz!

Teus dias foram contados
E breves, oh meu amor,
Como os pistillos doirados
Da rosa — a divina flor.

Déste á terra ingrata e rude,
No teu fulgido clarão,
A semente da virtude
E a raiz d'um coração:

D'um coração de amianto,
D'uma alma gemea da luz:
Beijo orvalhado de pranto,
Cravo das mãos de Jesus!

Digitized by Google

E como a flor morre abrindo
As folhas ebrias de mel,
Tu acabaste sorrindo,
Oh meu Anjo Gabriel!

O teu encanto profundo
Deus formara-o para si:
O mundo, este negro mundo
Não era digno de ti.

Digitized by Google

Á RAINHA DE PORTUGAL

Por occasião da Kermesse

So io ben ch'a voler chiuder in versi
Sue laudi, fora stanco
Chi piú degna la mano a scriver porse.

PETRARCA.

PRINCEZA, vens da Patria irradiante
Que a um tempo concebeu — obra divina —
Tasso, Petrarca, Buonarotti, Dante,
Laura, Eleonora, o Sanzio e a Fornarina.

Symbolisas a Gloria. O Povo inclina
A fronte quando passas deslumbrante,
Com o teu fulgor de Estrella no levante
E as tuas graças infantis de ondina...

Mas tu és grande, oh triumphal Maria,
Porquê das alvas mãos, dia por dia,
Deixas cahir a esmóla e não te canças:

Como as Madonnas no sendal da Gloria
Irás subindo aos términos da Historia
Numa nuvem de flôres e creanças.

Digitized by Google

O BEIJO DA MORTA

Cresce a invernosa noite, um frio intenso
Morde-me as carnes: — livido, gelado,
No leito me ergo... e escuto o desolado
Uivo do Inverno, atroz, convulso, immenso...

Tento dormir. Em vão! Escuto e penso.
Penso na eterna Ausente... Ah! se a meu lado
Ella estivesse! um beijo perfumado!
Um só! me fôra ardente e ideal incenso..

Abre-se então de leve a minha porta:
É Ella! Entrou. Na pallidez da morta
Uma aurora de beijos irradia:

Caminha... chega e diz-me num segredo:
«Une teu rosto ao meu, não tenhas medo:
Venho aquecer-te: — a noite está tão fria!»

Digitized by Google

NUM TERRAÇO

Como as pombas mansamente
Ao cahir das tardes calmas,
Vão repousar juntamente
No ninho odoroso e quente,
Nossas almas

Nossas almas viajantes,
Vão num giro enamorado,
Como as pombas alvejantes,
Pousar nas nuvens distantes
Do passado...

Digitized by Google

EXTASE

Olha-me assim, Madonna... longamente:
Deixa minha alma em teu olhar piedoso
Fluctuar num silencio, amplo e radioso,
Como um navio á terna luz do poente.

Nada me digas: olha-me sómente:
Assim... Meu coração, ebrio de goso,
Vai rolando no abysmo luminoso
No ethereo abysmo d'esse olhar dormente.

A natureza morbida e alquebrada
Repouza. A eburnea esphera constellada
Desmaia antes que a Aurora ao longe assome:

E eu, emballado nesse olhar radiante,
Feliz, absorto, extatico, hesitante...
Ouço tua alma soletrar meu nome.

Digitized by Google

GALATHÉA

Mais clara que o claro Empyreo,
Mais loira que o mel cheiroso,
Mais tentadora que um goso
E mais perfeita que um lyrio,

Ella atravéssa indolente
As aureas pompas da vida
Como a garça adormecida
Levada pela corrente...

De suas tranças sedosas
Vôa uma grata mistura
De cravos e tuberosas,

E essa estranha creatura
É no meio das formosas
A Estatua da formosura.

Digitized by Google

VENUS VICTRIX

De que profundos céos rolou a estrella
A dupla estrella que em teus olhos mora?
Qual foi a rósea lagrima da Aurora
Que se encarnou em tua espadua bella?

Dizem que a Venus Veroneza é a tella
Onde domina a Forma tentadora:
Eu, louco artista, vêl-a quiz outr'ora,
Mas depois que te vi não quero vêl-a.

O Eterno Deus, o Estatuario ingente
Burilou-te, a sorrir, a alma innocente,
E — digno escrinio que tal gemma encerra —

Pôz em teu corpo dotes aos milhares...
A propria Venus que surgiu dos mares
Cede-te a palma a ti, Venus da terra!

Digitized by Google

AS MÃOS DE BELLA

Essas divinas mãos feitas de arminho,
Lyrios, jasmins, anémonas e rosas,
Mãos, cujas palmas finas e unctuosas,
Mais doces são do que o frouxel d'um ninho;

Essas divinas mãos que ao borborinho
Da prece se unem timidas, piedosas,
Mais palpitantes, debeis e medrosas
Que a aza fugaz do tenro passarinho;

Esses milagres de esculptura viva
Que o divino buril na sensitiva
Talhou, — franzinas mãos de anjo e de fada,

Sabem vibrar com gesto soberano
E de chôfre embeber no peito humano
Do heroico Amor a sanguinaria espada.

Digitized by Google

PAQUITA

Como um fugaz suspiro, um som que passa,
E a flôr pendida antes do fim do dia,
Assim morrêste, oh pallida erradia,
Oh favorita pomba da Desgraça!

Rapida embora, passageira e escassa,
Foi-te a existencia toda uma agonia,
E tua boca tremula sorria
Bebendo a morte na funerea taça.

Abandonada, pobre, humilde, obscura,
Desceste á negra e torva sepultura,
Tu, a formosa deusa entre as formosas:

Ah! que eu não tenha versos como flores
Para a campa te encher de aromas, cores,
Goivos, saudades, lagrimas e rosas!

Digitized by Google

A ESTATUA

A Fernando Leal

Narrei-lhe o drama de minha alma... Absorta
Num vago ideal talvêz, pallida a bella
Tinha nos olhos um clarão de estrella...
Mas no resto do corpo estava morta.

Quando a voz do Poeta canta e exhorta
Ou vibra como as azas da procella,
Arrasta céos e mundos... Porêm Ella
Aos meus gemidos respondeu: «Qu'importa?»

Qu'importa! E contemplava me tranquilla
Aquella ouzada encarnação da argilla,
Fria, tão fria como a louza fria...

Morto de dor, de desespêro insano,
Dos meus olhos verti ondas de oceano,
E Ella — a sereia — entre meus prantos ria.

Digitized by Google

A LUCINDA SIMÕES

Quando percorres a fulgente arena
Da Arte immortal, — ingenua, scismadora,
Tragica, humilde, casta ou peccadora, —
Mas sempre de fulgor e graças plena;

Quando teu labio attráe, morde e envenena
Nos sorrisos fataes da atroz *Leonora,*
Ou quando, fresco e róseo como a Aurora,
De cascatas de luz inunda a scena;

Oh diva! o nosso espirito cansado
Por te seguir os vôos, sente o alado
Grupo de genios na amplidão dispersos:

Grita o teu nome o Povo electrisado,
E o Poeta de subito inspirado,
Lança-te aos pés toda a sua alma em versos!

Digitized by Google

PROFISSÃO DE FÉ

O velho Sacerdote escuta cada dia,
Ruja o vento do inverno ou folgue a estiva aragem,
Perante o humilde altar da sua Freguezia,
Do Deus vivo a palavra. E em face áquella imagem

Nada o distrai. O grito estridulo e selvagem
Da bruta multidão feroz que tripudia,
Não perturba sequer a matinal linguagem
Que o alto campanario ás solidões envia.

Como o Padre fiel — o mystico soldado
Das phalanges de Christo, — o Poeta isolado,
Perante o largo altar das Crenças immortaes,

Sacerdote do Amor, eleva-se num hymno,
Ao som da eterna voz d'um invisivel sino
Que percutem no céo os altos Ideaes.

Digitized by Google

NOTA

HISTORIA DE UM CÃO — Pag. 91. — Esta fantasia foi escripta depois da leitura de uma simples e sentida pagina de A. Destroyes, publicada no semanario parisiense *La Mosaïque,* em 1874. O conto do escriptor francez intitula-se *Moustapha — Histoire d'un chien.* Eis a ultima parte d'essa deliciosa narrativa, que inspirou os meus versos. Os curiosos verão até que ponto eu abusei da inspiração alheia: «Robert mit une pierre au cou du chien, qui tremblait de la fièvre — le saïsit rudement et le jeta à la mer. Moustapha ne poussa pas une plainte; on n'entendit que le bruit sourd que fit le corps en tombant dans l'eau. Le jeune homme, un peu honteux, se pencha — *pour voir;* sa coiffure se détacha et fut emportée par le vent. C'était un bonnet grec brodé par une main amie. Il chercha des yeux et ne vit rien que la cime blanche des vagues; il s'en revînt tout attristé — pour le bonnet!

«Il était couché depuis une heure lorsqu'il entendit gratter à sa porte, il alla ouvrir: Moustapha se tenait sur le seuil, — le bonnet entre les dents, — appuyé contre le mur. Il était ensanglanté; l'eau, ruisselant de ses poils aux couleurs étranges, se mêlait avec le sang et tombait sur les pierres; il était beau à faire peur. Robert l'embrassa en pleurant et saisit le bonnet grec!

«Moustapha regarda une dernière fois son maitre, jeta un cri, — cri de joie d'avoir été embrassé, ou de tristesse d'être si vite oublié, on ne sait! — et mourut!»

Lisboa — Typ. Elzeviriana

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

	Pag.
PREFACIO	VII
MYSTICISMO	1

PRIMEIRA PARTE

O coração que bate n'este peito	5
O Esquife	7
O Somno de um Anjo	8
Fóra da Barra	9
O Cruzeiro do Sul	10
Visita á Casa Paterna	11
A Esmola	12
A Morte da Aguia	13
Temperamentos	19
Meu pai	20
A Voz das Arvores	21
Noite Tropical	22
Nostalgia	23
Natal	24
A Noite de S. João	25

Digitized by Google

Pag.
Os Bohemios 26
Londres 30
A Avó 31
Soneto Romantico 32
Hora de Amor 33
O Jaguar 34
Arte Poetica 35
Roma 36
Diva 37
Jesus 38
Supplicas Maternas 39
Saudade das Montanhas 40
O Pharol 41
Idilio 42
As Estrellas 45
O Danubio Azul 46
O Arsenal 47
Madrugada na Roça 48
A Voz de Moêma 49
D'um Polo a outro 50
Os Albatrozes 51
Dia de Finados 52
Os Escravos 53
Amar e ser Amada 54
Metamorphose 55
Paisagem 56
Venus de Milo 57
Matta Virgem 58
O Bom Doutor 59
O Sol no Mar 60
A Borralheira 61
Miguel Angelo e Moysés 62
Paulo e Virginia 63
O Filho 64

Digitized by Google

Pag.
A Caravana 65
Idade Media 66
Cantiga para adormecer 67
Paris 68
A Alcova 69
Odio 72
Ernesto 73
Nhanhã 74
A Bordo 78
A Vestal 79
A Bella 80
Credo 81
O Piano 82
A Noiva 83
No Album de Stanislau d'Atri 84
Revelação 85
Frente a frente 87
As Vozes da Noite 88
A Primeira Entrevista 89
Versos de Stecchetti 90
Historia de um Cão 91
Confiteor 100
Veneza 101
O Enterro Civil 102
O Coliseu 103
O derradeiro olhar que na agonia 104
Nera 105
A um rico que passava 107
As duas Forças 108

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

OS POETAS MORTOS

Pag.

Gonçalves Dias 111
Cazimiro de Abreu 113
Junqueira Freire 114
Alvares de Azevedo 115
Castro Alves 116
Varella 117
Agrario de Menezes 118
Franco de Sá 119
Laurindo Rabello 120
Bruno Seabra 121
Aureliano Lessa 122
José de Alencar 123
Porto Alegre 124

TERCEIRA PARTE

Per Amica Silentia 127
Eva 131
A Hora do Repouso 132
Naufragio 133
Enlevo 134
Pagina Intima 135
Contraste 137
A Jangada 138
Olinda 139
Aos Estados Unidos 140
Duas Sombras 141
Á Mulher Americana 142
A Valsa 143

Digitized by Google

Pag.
Arrulhos de Namorados 144
A Canção da Morta 146
Tranças Amadas 147
Os olhos de Clemencia 148
Nocturno 149
A Gaivota 150
Aspasia 151
Auto da Fé 152
A Capella 154
Visão 155
O Viajante 156
O Pensamento 166
Guitarra 167
O Collar 168
Memorias 171
A uma Cega 172
Á Sombra dos Alamos 173
Inverno 174
Triste Volta 175
Miss Perfection 177
O Cego 178
Á Beira-Mar 179
A Escrava 180
Señorita 181
A Carta 183
Boa Viagem 184
Cantiga 185
A Gazella 186
Incognita 187
A um Millionario 188
A Lua no Mar 189
O Cysne 190
O Boi 191
A Sertaneja 192

Digitized by Google

Pag.

Longe dos Homens 199
O Berço e o Tumulo 200
Confidencia 201
Satanaz 203
No Deserto 204
Sorrento 208
A meu filho Gabriel 209
Á Rainha de Portugal 212
O beijo da Morta 213
Num Terraço 214
Extase 215
Galathéa 216
Venus Victrix 217
As mãos de Bella 218
Paquita 219
A Estatua 220
A Lucinda Simões 221
Profissão de Fé 222

Nota 223

Digitized by Google

Digitized by Google

PROFISSÃO DE FÉ

O velho Sacerdote escuta cada dia,
Ruja o vento do inverno ou folgue a estiva aragem,
Perante o humilde altar da sua Freguezia,
Do Deus vivo a palavra. E em face áquella imagem

Nada o distrai. O grito estridulo e selvagem
Da bruta multidão feroz que tripudia,
Não perturba sequer a matinal linguagem
Que o alto campanario ás solidões envia.

Como o Padre fiel — o mystico soldado
Das phalanges de Christo, — o Poeta isolado,
Perante o largo altar das Crenças immortaes,

Sacerdote do Amor, eleva-se num hymno,
Ao som da eterna voz d'um invisivel sino
Que percutem no céo os altos Ideaes.

Digitized by Google

NOTA

HISTORIA DE UM CÃO — Pag. 91. — Esta fantasia foi escripta depois da leitura de uma simples e sentida pagina de A. Destroyes, publicada no semanario parisiense *La Mosaïque,* em 1874. O conto do escriptor francez intitula-se *Moustapha — Histoire d'un chien.* Eis a ultima parte d'essa deliciosa narrativa, que inspirou os meus versos. Os curiosos verão até que ponto eu abusei da inspiração alheia: «Robert mit une pierre au cou du chien, qui tremblait de la fièvre — le saïsit rudement et le jeta à la mer. Moustapha ne poussa pas une plainte; on n'entendit que le bruit sourd que fit le corps en tombant dans l'eau. Le jeune homme, un peu honteux, se pencha — *pour voir;* sa coiffure se détacha et fut emportée par le vent. C'était un bonnet grec brodé par une main amie. Il chercha des yeux et ne vit rien que la cime blanche des vagues; il s'en revînt tout attristé — pour le bonnet!

«Il était couché depuis une heure lorsqu'il entendit gratter à sa porte, il alla ouvrir: Moustapha se tenait sur le seuil, — le bonnet entre les dents, — appuyé contre le mur. Il était ensanglanté; l'eau, ruisselant de ses poils aux couleurs étranges, se mêlait avec le sang et tombait sur les pierres; il était beau à faire peur. Robert l'embrassa en pleurant et saisit le bonnet grec!

«Moustapha regarda une dernière fois son maitre, jeta un cri, — cri de joie d'avoir été embrassé, ou de tristesse d'être si vite oublié, on ne sait! — et mourut!»

Lisboa — Typ. Elzeviriana

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

	Pag.
PREFACIO	VII
MYSTICISMO	1

PRIMEIRA PARTE

O coração que bate n'este peito	5
O Esquife	7
O Somno de um Anjo	8
Fóra da Barra	9
O Cruzeiro do Sul	10
Visita á Casa Paterna	11
A Esmola	12
A Morte da Aguia	13
Temperamentos	19
Meu pai	20
A Voz das Arvores	21
Noite Tropical	22
Nostalgia	23
Natal	24
A Noite de S. João	25

Digitized by Google

Pag.
Os Bohemios 26
Londres 30
A Avó 31
Soneto Romantico 32
Hora de Amor 33
O Jaguar 34
Arte Poetica 35
Roma 36
Diva 37
Jesus 38
Supplicas Maternas 39
Saudade das Montanhas 40
O Pharol 41
Idilio 42
As Estrellas 45
O Danubio Azul 46
O Arsenal 47
Madrugada na Roça 48
A Voz de Moêma 49
D'um Polo a outro 50
Os Albatrozes 51
Dia de Finados 52
Os Escravos 53
Amar e ser Amada 54
Metamorphose 55
Paisagem 56
Venus de Milo 57
Matta Virgem 58
O Bom Doutor 59
O Sol no Mar 60
A Borralheira 61
Miguel Angelo e Moysés 62
Paulo e Virginia 63
O Filho 64

Digitized by Google

Pag.

A Caravana..... 65
Idade Media..... 66
Cantiga para adormecer..... 67
Paris..... 68
A Alcova..... 69
Odio..... 72
Ernesto..... 73
Nhanhã..... 74
A Bordo..... 78
A Vestal..... 79
A Bella..... 80
Credo..... 81
O Piano..... 82
A Noiva..... 83
No Album de Stanislau d'Atri..... 84
Revelação..... 85
Frente a frente..... 87
As Vozes da Noite..... 88
A Primeira Entrevista..... 89
Versos de Stecchetti..... 90
Historia de um Cão..... 91
Confiteor..... 100
Veneza..... 101
O Enterro Civil..... 102
O Coliseu..... 103
O derradeiro olhar que na agonia..... 104
Nera..... 105
A um rico que passava..... 107
As duas Forças..... 108

Digitized by Google

SEGUNDA PARTE

OS POETAS MORTOS

Pag.

Gonçalves Dias 111
Cazimiro de Abreu 113
Junqueira Freire 114
Alvares de Azevedo 115
Castro Alves 116
Varella 117
Agrario de Menezes 118
Franco de Sá 119
Laurindo Rabello 120
Bruno Seabra 121
Aureliano Lessa 122
José de Alencar 123
Porto Alegre 124

TERCEIRA PARTE

Per Amica Silentia 127
Eva 131
A Hora do Repouso 132
Naufragio 133
Enlevo 134
Pagina Intima 135
Contraste 137
A Jangada 138
Olinda 139
Aos Estados Unidos 140
Duas Sombras 141
Á Mulher Americana 142
A Valsa 143

Digitized by Google

Pag.
Arrulhos de Namorados 144
A Canção da Morta 146
Tranças Amadas 147
Os olhos de Clemencia 148
Nocturno 149
A Gaivota 150
Aspasia 151
Auto da Fé 152
A Capella 154
Visão 155
O Viajante 156
O Pensamento 166
Guitarra 167
O Collar 168
Memorias 171
A uma Cega 172
Á Sombra dos Alamos 173
Inverno 174
Triste Volta 175
Miss Perfection 177
O Cego 178
Á Beira-Mar 179
A Escrava 180
Señorita 181
A Carta 183
Boa Viagem 184
Cantiga 185
A Gazella 186
Incognita 187
A um Millionario 188
A Lua no Mar 189
O Cysne 190
O Boi 191
A Sertaneja 192

Digitized by Google

Pag.

Longe dos Homens 199
O Berço e o Tumulo 200
Confidencia 201
Satanaz 203
No Deserto 204
Sorrento 208
A meu filho Gabriel 209
Á Rainha de Portugal 212
O beijo da Morta 213
Num Terraço 214
Extase 215
Galathéa 216
Venus Victrix 217
As mãos de Bella 218
Paquita 219
A Estatua 220
A Lucinda Simões 221
Profissão de Fé 222

Nota 223

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Pag.
Longe dos Homens 199
O Berço e o Tumulo 200
Confidencia 201
Satanaz 203
No Deserto 204
Sorrento 208
A meu filho Gabriel 209
Á Rainha de Portugal 212
O beijo da Morta 213
Num Terraço 214
Extase 215
Galathéa 216
Venus Victrix 217
As mãos de Bella 218
Paquita 219
A Estatua 220
A Lucinda Simões 221
Profissão de Fé 222

Nota 223

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

UNIVERSITY OF MICHIGAN
06294 4601

Digitized by Google

Digitized by Google